

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Junho/2017 – Nº 49





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2017

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Haroldo Elias Tavares – Epagri/Cepa

Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Marcia Mondardo – Epagri/Cepa

Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual:

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

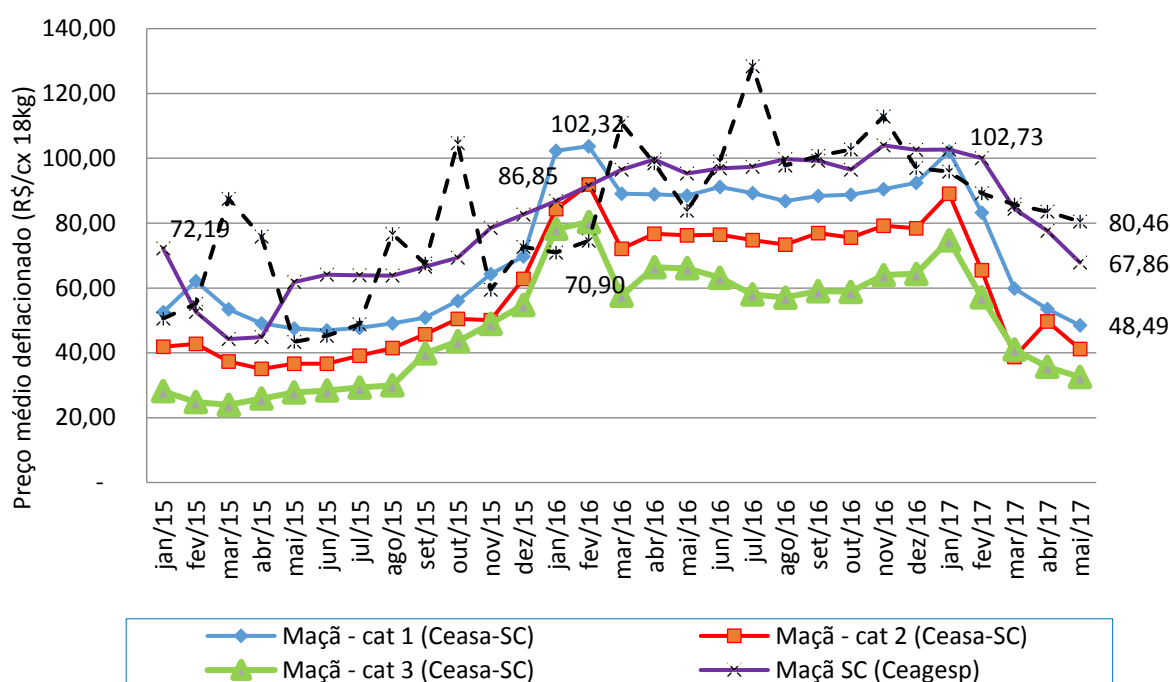
Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	13
Milho.....	17
Soja	21
Trigo.....	23
Hortaliças	26
Alho.....	26
Cebola.....	29
Pecuária	32
Avicultura.....	32
Bovinocultura	37
Suinocultura.....	42
Leite	49

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



(*)Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (mai/17=100)

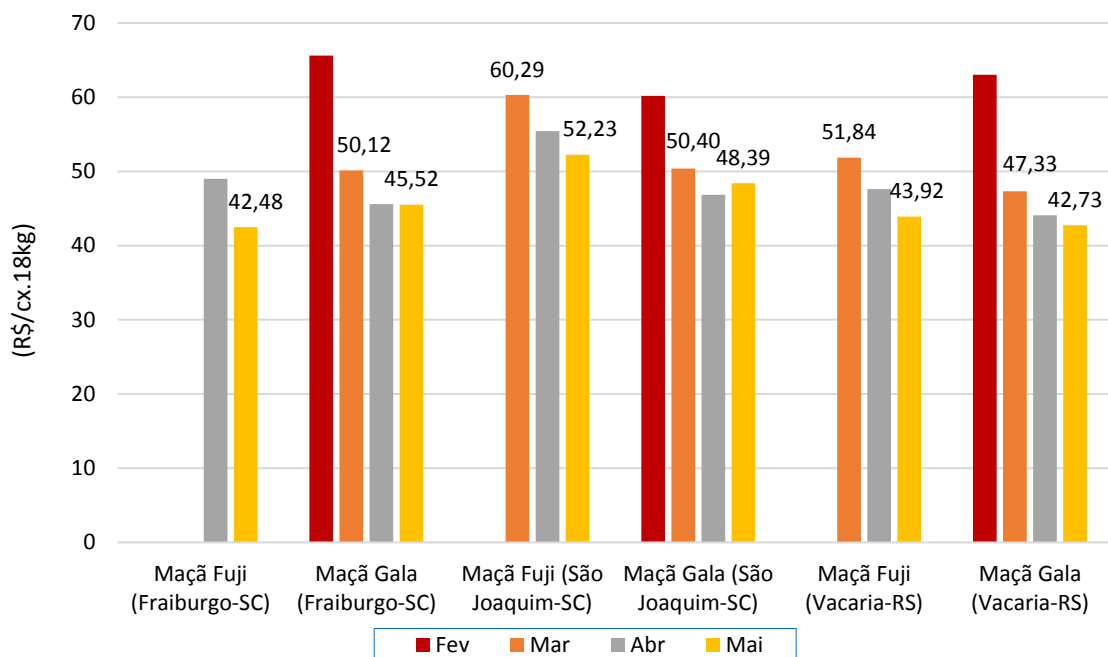
Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Maçã - Evolução do preço médio mensal no atacado

Nas principais centrais de abastecimento de SC e SP, em maio de 2017, os preços deflacionados da maçã seguem a tendência das cotações de 2015. Em maio de 2017, na Ceasa/SC os preços da maçã estão desvalorizados em relação ao ano de 2016 em 45%, 46% e 51% para as categorias 1, 2 e 3, respectivamente. Na safra 2016/17, a proporção de cat.1 e 2 é estimada em 60% do total produzido o que pode garantir a manutenção dos preços médios dessas categorias comercializadas no segundo semestre de 2017. Em maio de 2017, na Ceagesp, a maçã catarinense está com cotações 10% superiores as do mesmo mês em 2015. Já a maçã importada está com o preço 85% acima dos valores de 2015 e 4% abaixo dos de 2016.

Entre abril e maio de 2017, os preços da maçã catarinense na Ceagesp reduziu 13%; enquanto entre janeiro e maio acumulou 34% de desvalorização nas cotações. Essa desvalorização das frutas pode ser relacionada ao aumento do volume ofertado na safra 2016/17, aos efeitos da retração da demanda devido a concorrência de frutas da estação, como as tangerinas, e com a contração da economia brasileira. Em maio de 2017 as cotações das frutas importadas estão 166% maiores que as da maçã cat.1 catarinense, revertendo o comportamento

das últimas duas safras para o mês de maio em que os valores estavam entre 90% e 95% da cotação mensal da maçã nacional. A expectativa é de leve redução dos preços, até julho, para escoar as frutas frescas e maduras. Em setembro é esperado a valorização dos preços com ganhos no volume de maçãs com melhor classificação.



Nota: Maçã (cat.1) graúda embalada.

Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Maçã – Preço médio ao produtor nas praças de SC e RS

Em Fraiburgo, com a colheita da Fuji chegando ao final, as frutas maduras e de menor calibre estão sendo comercializadas com cotações menores como forma de escoar a produção.

Em São Joaquim, a colheita maçã Fuji deve ser encerrada em junho, pois, há ainda frutas miúdas nos pomares. A maçã Gala se valorizou com a venda de frutas frescas das categorias 1 e 2 de menor calibre. Já a Fuji cat.2 e cat. 3 fresca começa a ser comercializada no final de maio e início de junho. A expectativa é de recuperação nas cotações com a entrada de frutas de AC a partir de julho.

Em Vacaria/RS a maçã Gala fresca de menor calibre está sendo negociada em pequena proporção no mercado; enquanto, a maçã Fuji fresca e de menor calibre é comercializada com cotações menores para escoar o volume de cat.3 da produção gaúcha. A expectativa é de aumento nas cotações com a negociação de fruta de melhor qualidade no mercado nos próximos meses.

Maçã – Comparativo entre as estimativas da safra 2016/17 – Santa Catarina

Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa inicial 2016/17 (Epagri/Cepa)			Estimativa atual 2016/17 (Epagri/Cepa)			Variação		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área Colhida (%)	Produção (%)	Rend. Médio (%)
Joaçaba	3.287	128.829	39.193	3.287	131.529	40.015	0,00	2,10	2,10
Canoinhas	159	4.558	28.667	159	4.558	28.667	0,00	0,00	0,00
Curitibanos	1.008	38.682	38.375	1.008	39.162	38.851	0,00	1,24	1,24
Campos de Lages	11.963	419.187	35.040	11.962	405.839	33.927	-0,01	-3,18	-3,18
Outras	6	37	6.167	6	37	6.167	0,00	0,00	-0,01
Total	16.423	591.293	36.004	16.422	581.126	35.387	-0,01	-1,72	-1,71

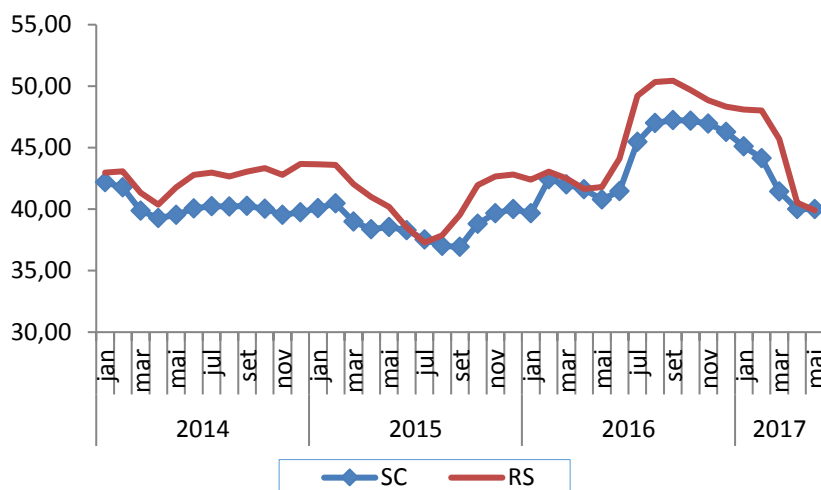
Fonte: Epagri/Cepa

Em maio de 2017, com a aproximação do final da colheita da maçã Fuji nas principais regiões produtoras catarinenses, a estimativa de produção chega a menos de 2% da estimativa inicial para a safra 2016/17. Em São Joaquim, até o final da colheita, ainda há expectativa de ser alcançado o volume previsto de mais de 590 mil toneladas, com produtividade média de 36 mil quilos por hectare para a microrregião dos Campos de Lages. Nas microrregiões de Joaçaba e Curitibanos a produção está 3,34% acima do previsto pelas estimativas do Epagri/Cepa.

Grãos

Arroz

Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glaciapadrao@epagri.sc.gov.br

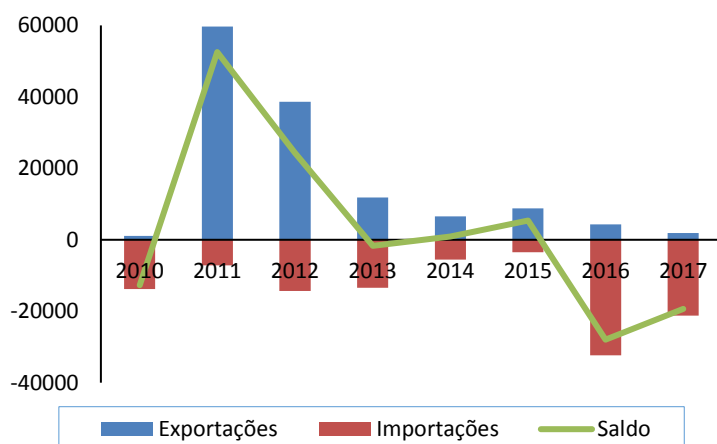


Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (RS)

Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Abr./2017) – R\$/sc 50kg

Em maio de 2017 os preços ao produtor continuaram o comportamento de queda observado desde meados de 2016. Com quase todo arroz colhido no estado de Santa Catarina os preços fecharam em R\$40,00, enquanto no Rio Grande do Sul fecharam em R\$39,91. O avanço da colheita no estado confirmou a boa expectativa para a safra, com boa qualidade dos grãos e alta produtividade na maior parte das regiões. A combinação de boa safra e importações elevadas com origem no Uruguai e Paraguai são fatores que exercem pressão de baixa nos preços ao produtor nos dois

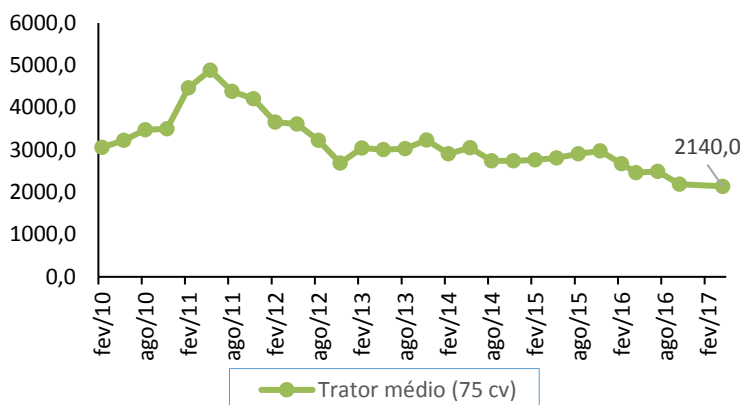
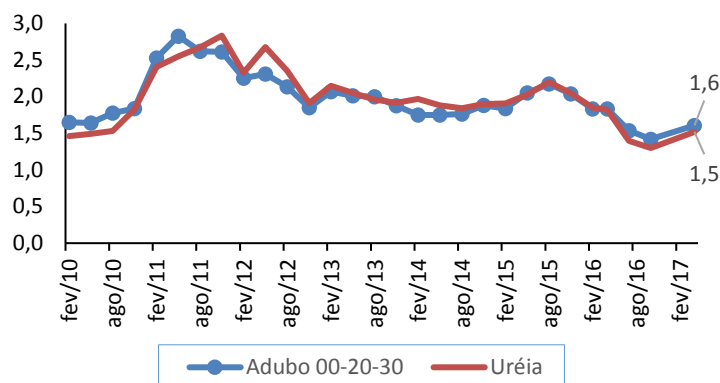
principais estados produtores. Com os estoques cheios nas indústrias de beneficiamento, alguns produtores têm segurado produto, quando possível, na esperança de que o período de entressafra melhore os preços.



Fonte: Secex/MDIC.

Arroz em casca – Evolução das exportações, importações e saldo anuais de Santa Catarina – em toneladas

No que se refere ao mercado externo, de janeiro a maio de 2017 o saldo da balança comercial do grão foi negativa e com tendência de aumentar ainda mais o déficit. No período analisado, as exportações totalizaram 1.874 toneladas, enquanto as importações totalizaram 21.212 toneladas. Pela facilidade logística para transporte e pelas características similares do grão, os países de origem do arroz importado por Santa Catarina são Uruguai e Paraguai.



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz – Equivalência de preços entre arroz e principais insumos. – 2010-17

A relação de troca entre o grão e os principais insumos utilizados na produção se mostrou desfavorável ao produtor em abril de 2017. Desde julho de 2015 a outubro de 2016 essa relação de troca apresentou comportamento decrescente, haja vista, o bom momento vivido pelo produtor com preços próximos de R\$50,00 a saca de 50 kg. No entanto, com a queda recente dos preços a tendência da relação de troca se tornou crescente. Essa relação só não foi mais desfavorável ao produtor em função da redução dos preços dos principais insumos nos últimos meses. Isto posto, em abril de 2017, foram necessárias 1,6 sacas de 50 kg de arroz em casca para adquirir uma saca de 50 kg de adubo NPK e 1,5 sacas de arroz para adquirir uma saca de ureia. Quanto ao trator médio, a trajetória de queda persiste, tendo sido necessárias 2.140 sacas de 50 kg de arroz em casca para adquirir um trator de 75 cv. A combinação de aumento dos preços dos insumos e redução ou estabilidade dos preços médios recebidos pelos produtores reduz a margem de lucro dos mesmos e tende a eliminar muitos produtores do mercado.

Arroz Irrigado – Acompanhamento da safra 2015/16 – Santa Catarina

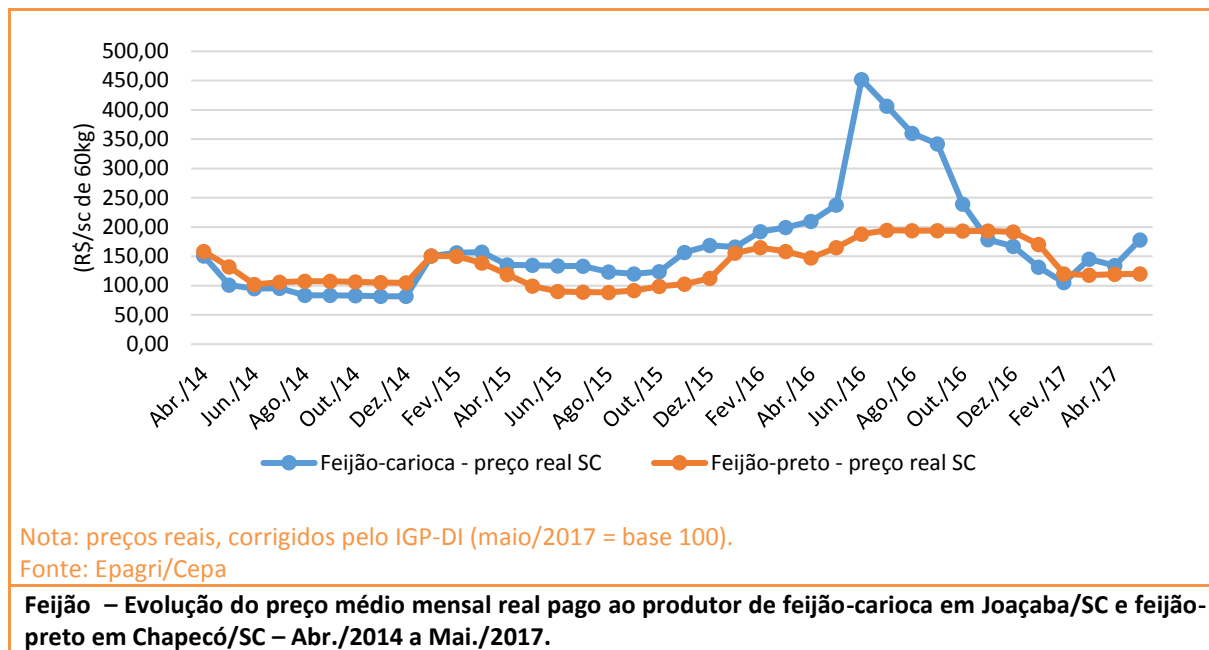
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51454	364913	7092	51730	401180	7755	0,54	9,94	9,35
Blumenau	8208	65441	7973	8379	67138	8013	2,08	2,59	0,50
Criciúma	20625	148165	7184	20857	167558	8034	1,12	13,09	11,83
Florianópolis	2895	16336	5643	3095	17336	5601	6,91	6,12	-0,74
Itajaí	9088	59997	6602	9261	68561	7403	1,90	14,27	12,14
Ituporanga	259	1554	6000	259	2072	8000	0,00	33,33	33,33
Joinville	19655	126509	6436	19736	166576	8440	0,41	31,67	31,13
Rio do Sul	10684	77324	7237	10759	89384	8308	0,70	15,60	14,79
Tabuleiro	125	1050	8400	146	1238	8479	16,80	17,90	0,95
Tijucas	2690	20300	7546	2690	20300	7546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21025	158508	7539	21094	160021	7586	0,33	0,95	0,62
Santa Catarina	146708	1040097	7090	148006	1161364	7847	0,88	11,66	10,68

Fonte: Epagri/Cepa.

A safra 2016/17 em Santa Catarina encontra-se estatisticamente encerrada no estado, restando ainda algumas áreas de soça a serem colhidas no norte do estado. No último relatório de safra divulgado pelo Epaagri/Cepa a área plantada estimada para o grão é de 148,01 mil hectares, 0,88% acima da área plantada na safra anterior. O rendimento médio observado no estado foi 10,68% acima do observado na safra 2015/16. Ressalta-se que a comparação com a safra anterior deve ser cuidadosa uma vez que aquela sofreu graves problemas climáticos, resultando em um rendimento médio baixo. No entanto, o clima favorável ao longo de toda a safra, o emprego de alta tecnologia e bons tratos culturais nas lavouras resultou em produtividade média elevadas em algumas regiões acima da média estadual de 157 sacos por hectare. A produção de arroz em Santa Catarina deverá ser de 1,2 milhões de toneladas, cerca de 12% maior que a do ano safra anterior.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



Os preços que vem sendo praticados nos últimos meses de 2017 para o feijão-carioca estão ligeiramente mais elevados do que a três anos atrás. Tomando maio como referência, a variação neste período foi na ordem de 76,3%. Já para o feijão-preto, com comportamento mais estável do que o feijão-carioca, para o mesmo intervalo de tempo, a variação nos preços foi negativa em cerca de 9,3%.

Feijão-Carioca – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Abr./2017 (R\$)	Mai./2017 (R\$)	Variação mensal (%)
Santa Catarina ⁽¹⁾	135,00	177,89	31,77
Paraná	128,10	167,96	31,12
São Paulo	154,41	161,50	4,59
Goiás	131,68	161,49	22,64

⁽¹⁾ praça de referência Joaçaba/SC.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (SP e GO) (dados extraídos em 12/06/2017).

Na praça de Joaçaba, referência para o feijão-carioca no estado, o preço mais comum para a saca de 60kg passou de R\$135,00 no mês de abril, para R\$177,89 no mês de maio, aumento de cerca de 31,77%. Comportamento muito semelhante foi observado no Paraná, onde a saca de 60kg do feijão-carioca passou de R\$128,10 para R\$167,96, alta de 31,12% no período. No mercado atacadista de São Paulo, na região do Brás, na última semana de maio, o feijão-carioca nota 8,5 foi comercializado a R\$200,00/saca de 60kg e o nota 8,5 ficou cotado a R\$250,00/saca de 60kg. Confirmando a tendência anunciada no boletim 48, o feijão-carioca vem recuperando os preços ao produtor, reflexo em parte do aquecimento das vendas nos mercados atacadista e varejista.

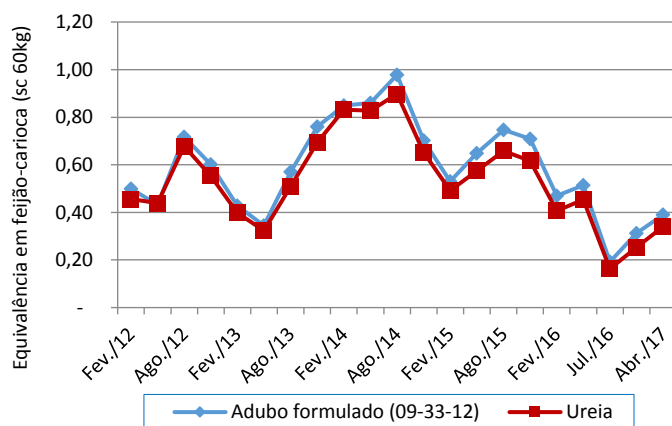
Feijão-Preto – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Abr./17 (R\$)	Mai/17 (R\$)	Variação Mensal (%)
Santa Catarina ⁽¹⁾	120,00	120,00	0,00
Paraná	124,60	120,84	-3,02
Rio Grande do Sul	167,45	149,64	-10,64

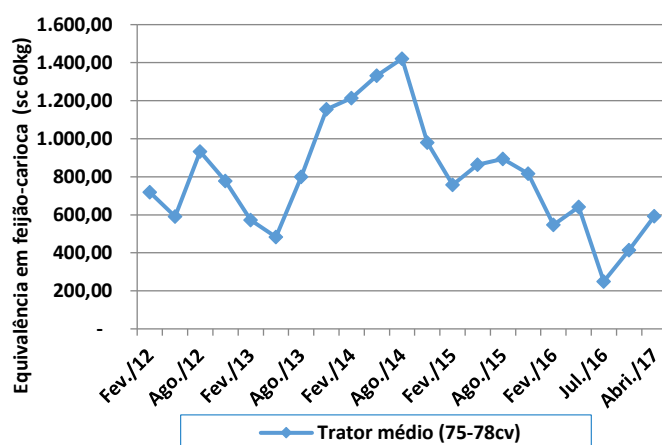
⁽¹⁾ praça de referência Chapecó/SC.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS) (dados extraídos em 12/06/2017).

Para o feijão-preto, que em Santa Catarina corresponde a cerca 91% da área plantada do feijão 2ª safra, os preços permaneceram estáveis no último mês. A tendência é que com o aumento no consumo da leguminosa pela chegada do frio, e em função dos prejuízos provocados pelo excesso de chuvas, ocorra aumento nas cotações do produto a partir da segunda quinzena de junho. O comportamento de preços no mercado atacadista é estável, na BCSP (Bolsa de Cereais de São Paulo) a saca de 60kg do feijão-preto extra (produto limpo, seco, classificado) foi cotado a R\$180,00 no último dia 31/03, já no dia 12/06, a mesma saca foi cotada a R\$200,00.



A partir da atualização do levantamento dos preços pagos pelos produtores pelos insumos, serviços e demais fatores de produção, realizado no mês de abril, percebemos ligeiro aumento em dois importantes insumos utilizados na cultura do feijão, o adubo formulado 09-33-12 e a uréia. Em julho de 2016, para adquirir uma saca de 50kg de uréia o produtor gastou o equivalente a 0,16 saca de 60kg de feijão-carioca, já em abril de 2017, o produtor precisou desembolsar um valor equivalente a 0,34 sacas da leguminosa para comprar a mesma saca de uréia, aumento de 112,5%. Para o adubo formulado o comportamento foi semelhante, com aumento de cerca de 105,3%.



Com relação a tratores, tomando como base um trator médio de 75 a 78cv, em julho de 2016 foi necessário 249,54 sacas de 60kg de feijão-carioca para adquirir um trator com essa especificação, já em abril de 2017, pelo mesmo trator o produtor precisaria desembolsar o valor equivalente a 592,43 sacas de 60kg de feijão-carioca, aumento de aproximadamente 137,4%.

Feijão 2ª safra – Comparativo de safra 2015/16 e 2016/17

Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa - Atual safra 2016/17			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	781	804	1030	717	722	1007	-8	-10	-2
Canoinhas	4250	7581	1784	3700	6030	1630	-13	-20	-9
Chapecó	2636	4138	1570	2248	3582	1593	-15	-13	1
Concórdia	39	44	1128	64	98	1523	64	122	35
Criciúma	3048	3742	1228	3377	3813	1129	11	2	-8
Ituporanga	1405	2993	2130	1465	2638	1801	4	-12	-15
Rio do Sul	809	1460	1805	629	1109	1763	-22	-24	-2
São Bento do Sul	80	96	1200	220	238	1080	175	148	-10
São M. do Oeste	1540	2673	1736	2165	3588	1657	41	34	-5
Tubarão	1591	1858	1168	1490	1599	1073	-6	-14	-8
Xanxerê	9020	18492	2050	9220	18207	1975	2	-2	-4
Santa Catarina	25199	43881	1741	25295	41624	1646	0	-5	-6

Fonte: Epagri/Cepa (Maio/2017)

Após atualização de área plantada, produção e rendimento, para o feijão 2ª safra em Santa Catarina, observamos que deverá haver pequena queda na produção e no rendimento, essa redução deve ficar em cerca de 5% e 6% respectivamente. Quanto a área plantada, as estimativas apontam para uma normalidade em relação à área plantada na safra passada. Em maio, cerca de 55% da área destinada ao plantio já estava colhida, sendo que em final de maio e início de junho as condições climáticas apresentaram condições adversas para a cultura.

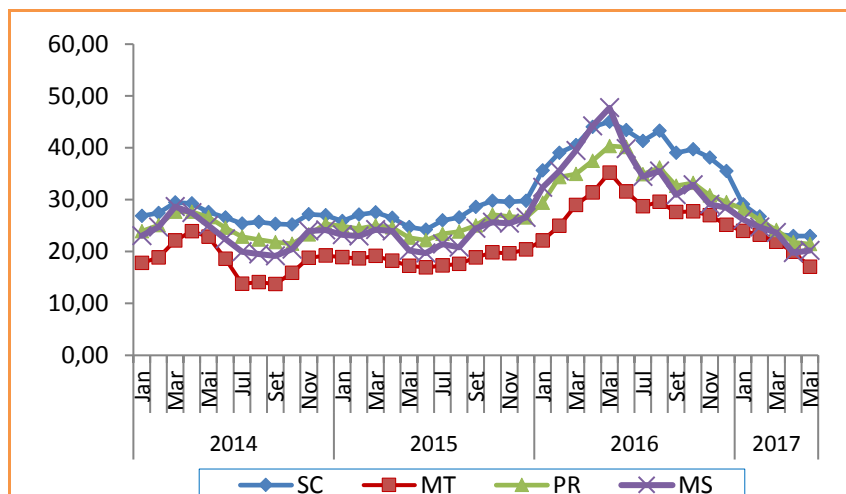
As chuvas que assolaram o estado de Santa Catarina entre os dias 27/05 e 09/06 atingiram a safra de feijão 2ª na sua fase de colheita, período bastante crítico para a cultura. Nessa fase, dependendo da intensidade das chuvas, ela pode provocar severas perdas, seja em quantidade ou em qualidade do produto a ser colhido. Considerando todas as regiões do estado com plantio de feijão 2ª, cerca de 40% ainda não estava colhido. Nas regiões de São Miguel do Oeste e Chapecó, cerca de 55% estava colhido, na região de Canoinhas a colheita estava praticamente encerrada, já na região de Rio do Sul, cerca de 60% estava colhido e na Região Sul do estado, faltava colher cerca de 85% da área plantada.

Segundo dados levantados em nível regional, em São Miguel do Oeste, as perdas no feijão 2ª safra devem chegar a 12.000 sacas, considerando o preço médio de R\$118,00/saca de 60kg, estima-se uma perda aproximada de R\$1.416.000,00. Na Região de Rio do Sul e Ituporanga nossas estimativas eram de que nesta segunda safra de feijão seriam colhidas cerca de 3.110 toneladas, numa área plantada de aproximadamente 2.094ha, com cerca de 40% da área ainda a ser colhida, projetamos uma perda aproximada de 500 toneladas, que em termos financeiro pode chegar a R\$940.000,00. No Sul do estado, ainda faltava colher cerca de 85 % do que foi plantado, nestas lavouras as perdas podem chegar a mais de 30%. Com uma expectativa de colheita de 6.134 toneladas nas regiões de Tubarão, Criciúma e Araranguá, cerca de 1.500 toneladas estarão comprometidas com perda total ou parcial, sendo que o que for colhido certamente não terá qualidade comercial. As perdas deverão girar em torno de 2 a 3 milhões de reais. Já nas microrregiões de Chapecó, Concórdia e Xanxerê, que engloba 71 municípios da região Oeste, tínhamos até a data do início das chuvas uma estimativa

de produção para o feijão 2ª safra de 22.261 toneladas. Com cerca de 50% da área plantada já colhidos, as chuvas estão comprometendo a colheita e a qualidade da outra metade da safra a ser colhida. Segundo informações obtidas através de técnicos e produtores dos municípios afetados, dos 6.000ha que faltam colher, as perdas estão estimadas em 50%, o que representa uma produção de cerca de 5.000 toneladas que poderão ser perdidas, sendo que o que for colhido certamente estará com a qualidade severamente comprometida. Em valores as perdas deverão ficar entre 8 e 10 milhões de reais.

Milho

Glaucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

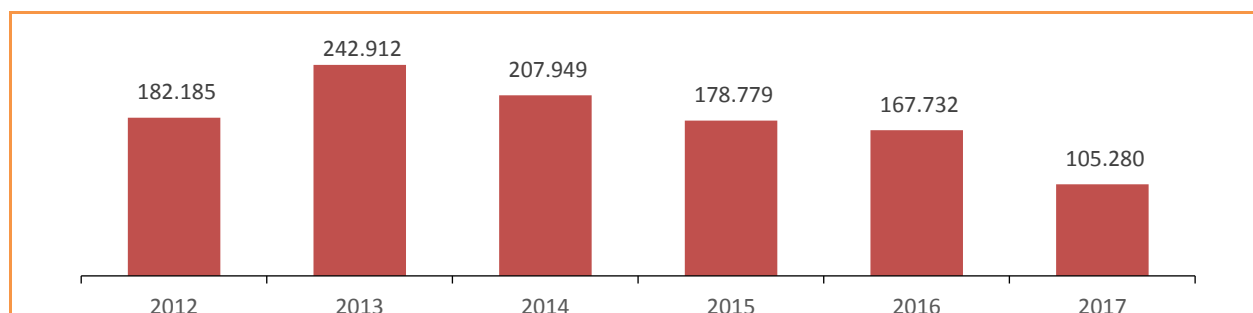


Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2014 a 2017

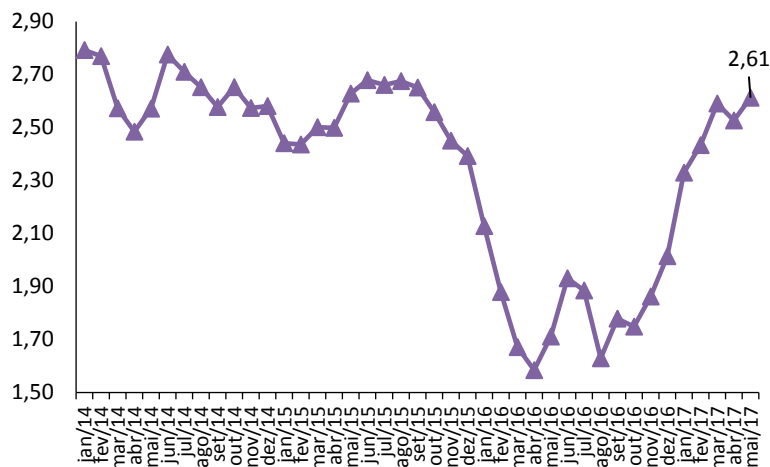
Em maio de 2017, os preços de milho em grão nos principais estados produtores caíram em relação ao mês anterior, com exceção do estado do Mato Grosso do Sul cujo preço sofreu leve aumento. Em média os preços do Mato Grosso, Paraná e Mato Grosso do Sul reduziram em 4,77% em relação ao mês anterior. A entrada do milho segunda safra no mercado exerce pressão de baixa nos preços, que não têm desvalorizado mais pela realização de leilões da Companhia Nacional de Abastecimento - Conab para a safra 16/17, bem como pela expectativa de que a safra 17/18

de milho americana que já está com plantio quase concluído seja um pouco inferior ao estimado anteriormente. Em Santa Catarina, os preços fecharam em R\$23,00 a saca de 60 kg na praça de Chapecó (praça referência no estado), se mantendo estáveis em relação ao mês passado. Segundo dados do USDA, a safra mundial de milho estimada em 2016/17 é 1.065,11 bilhão de toneladas, sendo 96 milhões de toneladas para o Brasil. Diante da expressividade da safra os preços sofreram pressão de baixa desde meados de 2016. A safra de milho no estado registrou números significativos e com boa qualidade dos grãos até o momento, e embora represente um mercado inexpressivo no que se refere ao mercado externo registrou exportações de 105.280 toneladas no acumulado de janeiro a maio de 2017. Comparativamente à média observada nos últimos cinco anos, o comportamento das exportações nos quatro primeiros meses do ano se mostraram atípicos, e mesmo com a recuperação de abril ficaram abaixo do observado em 2016, cujos preços elevados no mercado externo impulsionaram as exportações que totalizaram 168 mil toneladas no referido ano.



Fonte: Secex/MDIC

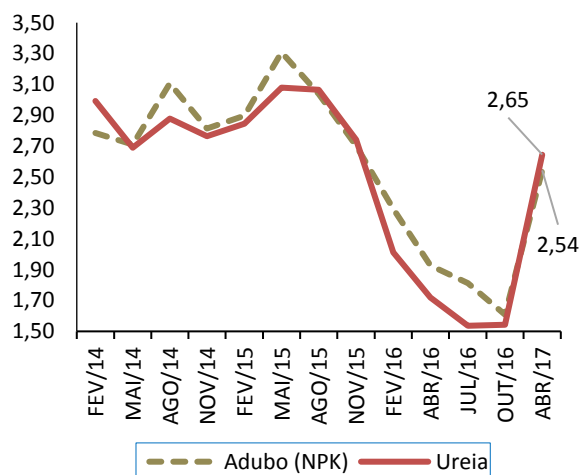
Exportações catarinenses de milho em grão e sementeira (2012-2017) – em toneladas



Fonte: Epagri/Cepa.

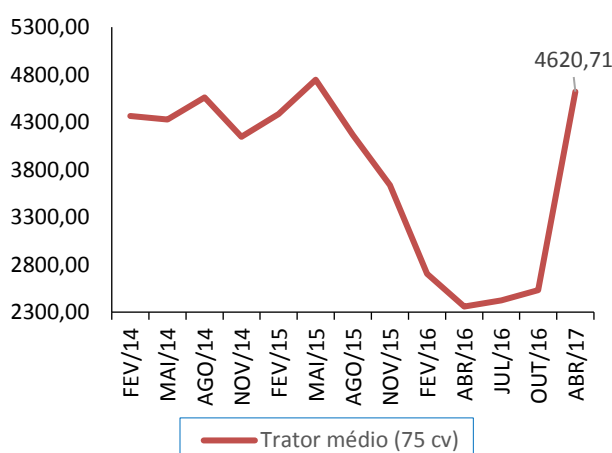
Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina

Na comparação entre os preços de milho e soja no estado, observa-se que os preços da soja cresceram cerca de 3% em relação ao mês anterior, enquanto os preços do milho se mantiveram constantes. Isso resultou em uma equivalência de preços de 2,61 acima do observado no último mês. Tal resultado indica que a soja, principal concorrente em área do milho, tem se mostrado mais vantajosa quando se leva em consideração os custos de produção e a rentabilidade em Santa Catarina. Considera-se que no estado, quando essa relação de equivalência é superior a 2,3 as condições de produção são favoráveis ao sojicultor.



Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preço – Sacas de milho necessárias para compra de fertilizantes



Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preço – Sacas de milho necessárias para comprar um trator médio

Quanto aos preços dos insumos, observa-se que a redução dos preços do milho nos últimos meses resultou em aumento da equivalência de preços entre os grãos e seus principais insumos. No mês de abril foram necessárias cerca de 2,54 sacas de 60 kg milho para adquirir um saco de adubo NPK de 50 kg e 2,65 sacos de milho para adquirir um saco de 50 kg de ureia. Para o trator de 75 cv a equivalência de preços também sofreu alta em relação ao mês de outubro de 2016, sendo necessárias 4.620,71 sacos de milho para adquirir um trator. Além da redução do preço do milho, destaca-se que houve um aumento nos preços dos insumos no estado, seguindo a tendência nacional, haja vista a instabilidade econômica e forte oscilação do dólar. Comparativamente a abril de 2016, observa-se uma forte valorização da equivalência de preços entre o milho e os insumos selecionados, tendo aumentado 32% no que se refere ao adubo NPK, 54% para a ureia e 96% para o trator. Tal valorização se explica pelo fato de naquele mês os preços do milho grão estarem elevados e os preços dos insumos terem sofrido leve redução.

Milho Grão Total – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	7.516	40.135	5.340	8.089	33.772	4.175	7,62	-15,85	-21,81
Blumenau	1.673	6.400	3.825	1.567	5.967	3.808	-6,34	-6,77	-0,46
Campos de Lages	35.500	233.622	6.581	36.010	264.126	7.335	1,44	13,06	11,46
Canoinhas	30.500	266.270	8.730	32.100	304.670	9.491	5,25	14,42	8,72
Chapecó	61.314	530.621	8.654	63.499	513.338	8.084	3,56	-3,26	-6,59
Concórdia	31.140	211.666	6.797	26.180	212.958	8.134	-15,93	0,61	19,67
Criciúma	7.833	47.141	6.018	8.220	48.613	5.914	4,94	3,12	-1,73
Curitibanos	19.848	182.149	9.177	21.608	234.746	10.864	8,87	28,88	18,38
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	54	199	3.685	53	196	3.698	-1,85	-1,51	0,35
Ituporanga	10.080	61.600	6.111	11.120	78.125	7.026	10,32	26,83	14,96
Joaçaba	55.552	443.751	7.988	59.684	630.233	10.560	7,44	42,02	32,19
Joinville	390	1.284	3.292	340	1.160	3.412	-12,82	-9,66	3,63
Rio do Sul	19.450	111.432	5.729	20.930	129.932	6.208	7,61	16,60	8,36
São Bento do Sul	5.500	44.750	8.136	5.000	35.200	7.040	-9,09	-21,34	-13,47
São Miguel do Oeste	45.640	282.792	6.196	45.560	346.858	7.613	-0,18	22,65	22,87
Tabuleiro	3.505	11.968	3.415	3.457	11.801	3.414	-1,37	-1,40	-0,03
Tijucas	1.690	6.237	3.691	1.705	6.764	3.967	0,89	8,45	7,50
Tubarão	6.381	37.431	5.866	5.590	27.987	5.007	-12,40	-25,23	-14,65
Xanxerê	23.500	207.534	8.831	27.300	271.116	9.931	16,17	30,64	12,45
Santa Catarina	367.685	2.729.281	7.423	378.631	3.159.861	8.345	2,98	15,78	12,43

Fonte: Epagri/Cepa.

Milho Silagem – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina

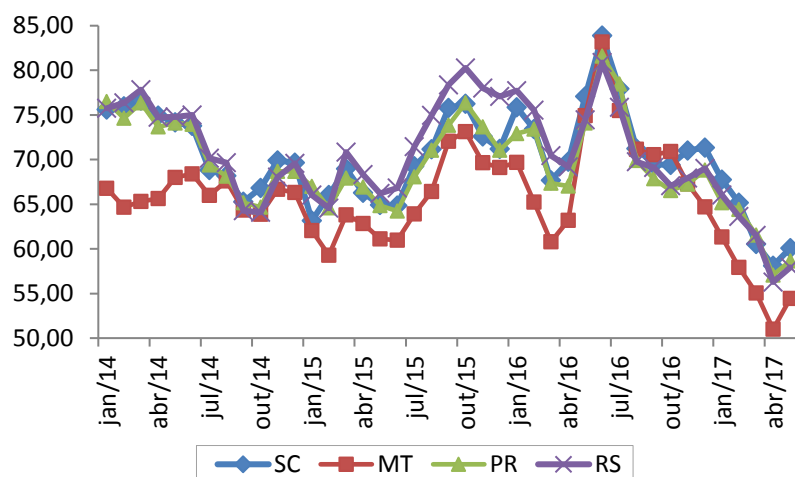
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	4.870	156.845	32.206	4.847	166.919	34.438	-0,47	6,42	6,93
Blumenau	1.797	69.865	38.879	1.824	70.895	38.868	1,50	1,47	-0,03
Campos de Lages	5.320	220.250	41.400	5.530	270.550	48.924	3,95	22,84	18,17
Canoinhas	3.800	140.000	36.842	4.150	163.000	39.277	9,21	16,43	6,61
Chapecó	58.800	2416.709	41.100	57.100	2517.700	44.093	-2,89	4,18	7,28
Concórdia	18.280	737.800	40.361	26.530	970.400	36.577	45,13	31,53	-9,37
Criciúma	3.574	141.177	39.501	3.808	180.490	47.398	6,55	27,85	19,99
Curitibanos	2.550	99.680	39.090	2.550	138.450	54.294	0,00	38,89	38,89
Florianópolis	326	13.510	41.442	331	13.700	41.390	1,53	1,41	-0,13
Itajaí	60	1.800	30.000	61	1.827	29.951	1,67	1,50	-0,16
Ituporanga	2.580	108.800	42.171	2.350	95.000	40.426	-8,91	-12,68	-4,14
Joaçaba	15.100	661.100	43.781	15.520	922.650	59.449	2,78	39,56	35,79
Rio do Sul	14.830	527.010	35.537	14.680	542.550	36.958	-1,01	2,95	4,00
São Bento do Sul	-	-	-	610	34.900	57.213	-	-	-
São Miguel do Oeste	47.190	1.613.840	34.199	47.905	1887.025	39.391	1,52	16,93	15,18
Tabuleiro	1.320	70.950	53.750	1.339	71.998	53.770	1,44	1,48	0,04
Tijucas	2.470	71020	28.753	2.506	72.050	28.751	1,46	1,45	-0,01
Tubarão	10.596	390.870	36.888	12.626	487.676	38.625	19,16	24,77	4,71
Xanxerê	17.120	749.300	43.768	15.870	761.200	47.965	-7,30	1,59	9,59
Santa Catarina	210.583	8.190.526	38.895	220.137	9.368.980	42.560	4,54	14,39	9,42

Fonte: Epagri/Cepa.

A estimativa atual da safra de milho no estado para 2016/17 aponta para uma variação de 2,98% em relação à safra anterior. No entanto, com o avanço da colheita, que segue confirmando as boas expectativas em relação à produtividade esperada (12,43% maior) para o grão no estado, a produção deverá ser 15,78% maior em relação à safra anterior. Essa variação em relação ao último relatório se refere aos ajustes feitos nas informações de milho 2ª safra, que já está todo no campo. A área plantada estimada em maio de 2017 é de 379 mil hectares e produção de 3,2 milhões de toneladas. A produtividade média estimada é de 8,3 toneladas por hectare, mas regiões como Curitibanos, Joaçaba, Canoinhas, Chapecó, Concórdia e Xanxerê apresentaram produtividade média acima da média estadual. Além da condição climática favorável ao longo de toda a safra, o uso de alta tecnologia na produção resultou em produtividade elevada e, consequentemente, maior produção na safra. Atualmente, 100% da área plantada de milho na primeira safra foi colhido, e 100% do milho 2ª safra já foi semeado no estado. O milho destinado à produção de silagem também apresentou crescimento em relação ao ano safra anterior. Observa-se incremento de 4,54% na área plantada e 14,39% na produção, resultando em 220 mil hectares e 9,37 milhões de toneladas. Atualmente 100% da área destinada à produção de silagem já foi colhida.

Soja

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

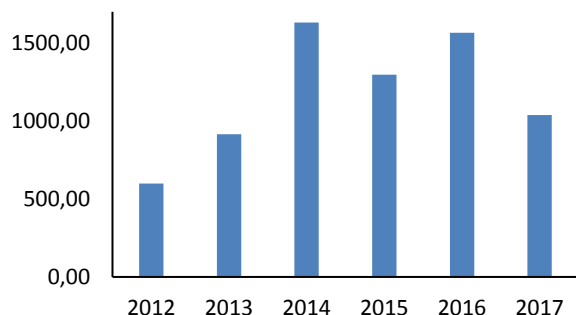


Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS)

Soja – Preço médio real mensal de soja em grão ao produtor, Santa Catarina – 2014 a 2017

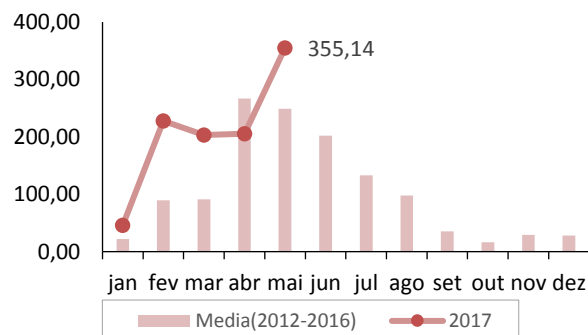
Os preços da soja em maio de 2017 sofreram leve valorização em relação ao mês anterior nos principais estados produtores. Tais preços vinham caindo desde meados de 2016, e no último mês fecharam em R\$54,46, R\$58,64 e R\$57,94 no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de abril os preços em tais estados produtores aumentaram em média 4,15%. No comparativo com o mesmo mês no ano passado, a variação média nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de -23,45%. Em Santa Catarina os preços também apresentaram leve valorização,

passando de R\$58,12 em abril para R\$60,09 em maio, o que representa uma variação de 3,39%. Já em comparação com o mesmo mês de 2016, os preços reais reduziram em 22%, aproximadamente. A safra expressiva tanto para o Brasil como para os demais países produtores estavam reforçando a tendência de queda dos preços, no entanto, a correção negativa dos estoques mundiais no novo relatório do USDA podem ter antecipado uma reação do mercado e resultado em leve alta. Em Santa Catarina, embora a participação na produção nacional seja pouco expressiva, a boa expectativa para a safra também geraram efeitos negativos sobre os preços.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Acumulado das exportações da soja em grão e semente de Santa Catarina (2012 a 2017), em mil toneladas



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Exportações mensais da soja em grão de Santa Catarina (2012 a 2017), em mil toneladas

21

No mês de maio de 2017 as exportações catarinenses totalizaram 355 mil toneladas, valor acima da média dos últimos cinco anos para o mês. No acumulado do ano, o volume exportado de janeiro a abril foi cerca de 21% acima do volume exportado no mesmo período de 2016, fechando em 1.037,38 mil toneladas. Os principais destinos das exportações são China, Rússia, Coreia do Sul e Tailândia.

Soja – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2016/17

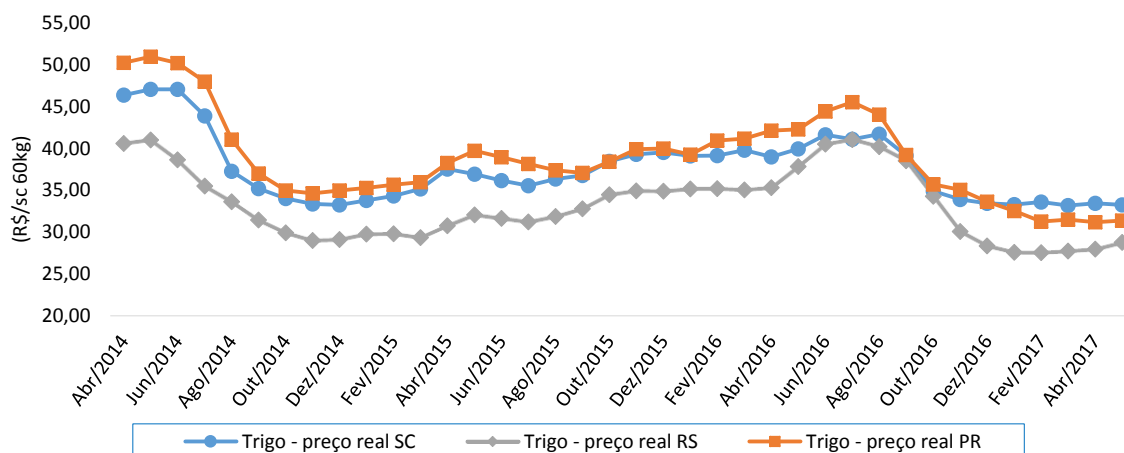
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 - Estimativa atual			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
C. de Lages	60.430	201.440	3.333	59.770	199.292	3.334	-1,09	-1,07	0,03
Canoinhas	133.320	456.456	3.424	131.600	501.870	3.814	-1,29	9,95	11,39
Chapecó	91.575	262.779	2.870	90.310	285.385	3.160	-1,38	8,60	10,12
Concórdia	4.235	13.290	3.138	5.805	20.774	3.579	37,07	56,31	14,03
Curitibanos	103.645	358.894	3.463	107.680	448.976	4.170	3,89	25,10	20,41
Ituporanga	6.350	21.265	3.349	7.690	30.174	3.924	21,10	41,90	17,17
Joaçaba	57.905	207.558	3.584	57.010	237.675	4.169	-1,55	14,51	16,31
Rio do Sul	3.375	10.941	3.242	3.935	13.709	3.484	16,59	25,30	7,47
São B. do Sul	10.400	34.320	3.300	15.000	49.900	3.327	44,23	45,40	0,81
S. M. do Oeste	36.270	108.882	3.002	42.790	130.715	3.055	17,98	20,05	1,76
Xanxerê	140.000	448.763	3.205	138.650	491.408	3.544	-0,96	9,50	10,57
Santa Catarina	647.505	2.124.588	3.281	660.240	2.409.877	3.650	1,97	13,43	11,24

Fonte: Epagri/Cepa.

Em Santa Catarina a produção esperada para a safra 2016/17 é de 2,4 milhões de toneladas em uma área de 660 mil hectares. As condições climáticas favoráveis e homogêneas em grande parte da área produtiva do estado, resultaram em produtividade média de 3,6 toneladas por hectare, cerca de 11% acima da obtida na safra 2015/16. Essa combinação de aumento da área e da produtividade, resultou em produção 13% maior em relação à safra anterior. Atualmente 100% da área plantada de soja em Santa Catarina já foi colhida e segue confirmando a expectativa de uma safra expressiva para este ano. Regiões como Curitibanos, Joaçaba e Canoinhas apresentaram produtividades acima da média estadual e com ótima qualidade dos grãos.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (abril/2017 = base 100).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (RS/PR - abr/2014-mar/2017), SEAB/Deral (PR - abr/2017-mai/2017), Emater/Ascar (RS - abr/2017-mai/2017)

Trigo Grão – Evolução do preço médio mensal real pago ao produtor – SC, PR e RS (Abr./2014 a Maio/2017)

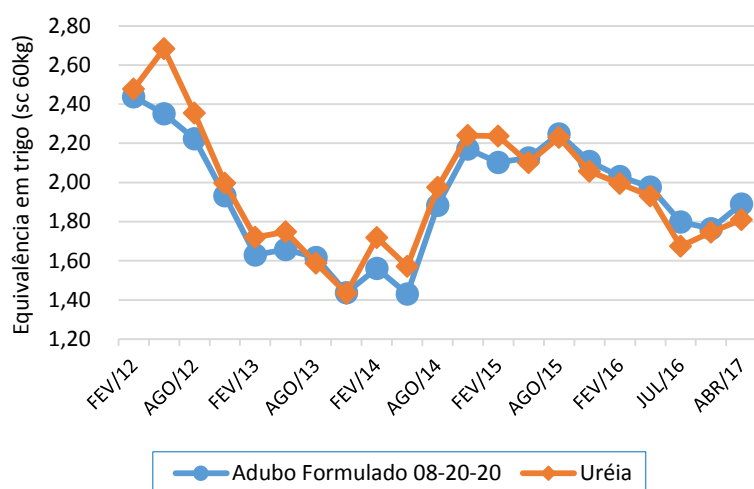
Em Santa Catarina, o preço real do trigo tem permanecido estável nos últimos meses, a exemplo do que ocorre no estado do Paraná. Já no Rio Grande do Sul, os preços que vinham sendo praticados nas últimas semanas estavam em patamares muito baixos, agora percebe-se uma tendência de alta. Esse movimento de reversão na queda dos preços pagos aos produtores se deve pelo aumento da procura do cereal pelos moinhos, e por se tratar de período de entressafra. Outro aspecto deve ser considerado é que as cooperativas estão pagando um pouco melhor pelo trigo como estratégia para estimular os produtores a cultivarem o cereal nesta nova safra. No campo as atividades estão paralisadas, em função do excesso de chuvas os produtores estão aguardando o tempo melhorar para iniciarem a semeadura. Acreditamos que a partir do dia 20/06 deve se intensificar as operações de plantio do trigo no estado.

Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2016/17 – R\$/saca de 60kg

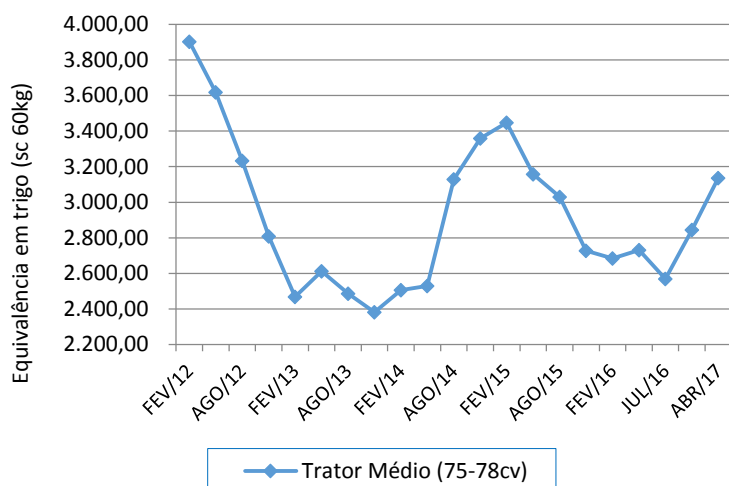
Estado	Abr./2017	Mai/2017	Variação (%)
Santa Catarina	33,60	33,25	-1,04
Paraná	31,35	31,38	0,10
Rio Grande do Sul	28,10	28,78	2,42

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Emater/Ascar (RS).

No mercado de balcão (preço pago ao produtor), o preço nominal do trigo no mês de maio em Santa Catarina teve ligeira queda em relação a abril em cerca de 1,0%, passando de R\$33,60 para R\$33,25/saca de 60kg. No Rio Grande do Sul, no mesmo período ocorreu uma elevação de 2,42 no preço pago pela saca de 60kg, que passou de R\$28,10 para R\$ 28,78/saca. Já no mercado de lote (negociações entre empresas), no Rio Grande do Sul, entre abril e maio a variação foi positiva em 2,63%, passando de R\$520,14 para R\$533,83/tonelada. No Paraná a variação de 0,82%, onde o preço passou de R\$606,71 para R\$611,70/tonelada do cereal. A diferença entre os preços de lotes (R\$ 611,70/t) e os preços de balcão (R\$ 523,00/t) subiu para 16,96 no mês de maio, favorecendo a negociação entre empresas no estado paranaense.



Em abril deste ano atualizamos nos preços de insumos, serviços e demais fatores de produção. Como podemos observar nos gráficos ao lado, ocorreram variações positivas para dois importantes insumos utilizados na cultura do trigo, o adubo formulado 08-20-20 e a uréia. Em julho de 2016, para adquirir uma saca de 50kg de uréia o produtor gastou o equivalente a 1,67 saca de 60kg de trigo, já em abril de 2017, o produtor precisou desembolsar um valor equivalente a 1,81 sacas de trigo para comprar a mesma saca de uréia. Para o adubo formulado o comportamento foi semelhante.



Com relação a tratores, tomando como base um trator médio de 75 a 78cv, em julho de 2016 foi necessário 2.568,13 sacas de 60kg de trigo grão para adquirir um trator com essa especificação, já em abril de 2017, pelo mesmo trator o produtor precisaria desembolsar o valor equivalente a 3.136,52 sacas de 60kg de trigo grão, aumento de aproximadamente 22,13%.

Trigo Grão – Comparativo safra 2016/17 e estimativa inicial safra 2017/18

Microrregião	Safra 2016/17			Estimativa inicial - Safra 2017/18			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	1.700	6.030	3.547	1.000	3.630	3.630	-41	-40	2
Canoinhas	14.900	54.474	3.656	9.400	31.207	3.320	-37	-43	-9
Chapecó	16.610	46.491	2.799	16.483	43.153	2.618	-1	-7	-6
Concórdia	622	1.742	2.800	732	1.919	2.622	18	10	-6
Curitibanos	10.648	44.486	4.178	8.518	33.035	3.878	-20	-26	-7
Ituporanga	1.585	4.128	2.604	805	2.567	3.189	-49	-38	22
Joaçaba	4.790	18.590	3.881	3.230	12.324	3.815	-33	-34	-2
Rio do Sul	445	1.045	2.348	397	968	2.438	-11	-7	4
São Bento do Sul	250	843	3.372	150	450	3.000	-40	-47	-11
São M. do Oeste	2.295	7.325	3.192	3.470	9.618	2.772	51	31	-13
Xanxerê	15.175	43.719	2.881	15.005	40.999	2.732	-1	-6	-5
Santa Catarina	69.020	228.872	3.316	59.190	179.870	3.039	-14	-21	-8

Fonte: Epagri/Cepa (maio/2017).

Estamos divulgando as estimativas iniciais para a safra 2017/18 de trigo em Santa Catarina, a redução na área plantada deverá ficar entorno de 14%, com destaque para um incremento de 51% na microrregião de São Miguel do Oeste, nessa região há forte ação de incentivo ao plantio de trigo por parte das cooperativas, em particular, a cooperativa Cooperauriverde, que projeto um plantio de uma área de cerca de 2.400ha entre seus associados. Essa cooperativa tem incentivado o plantio com garantia de preço e de compra na hora da comercialização além de assistência técnica dirigida aos produtores de trigo. Em termos de produção e rendimento, deveremos ter redução de 21% e 8%, respectivamente.

No mês de maio iniciou-se o plantio de trigo em todo País, produtores do Paraná e Rio Grande do Sul estão mais adiantados, enquanto que em Santa Catarina, deve iniciar depois de 20/06. As chuvas que assolaram a região sul, com maior intensidade entre os dias 27/05 e 09/06, prejudicaram a evolução da semeadura, chegando a ser paralisada durante dias. Na Argentina e Estados Unidos, também evolui a semeadura do cereal, sendo que enquanto no hemisfério sul os trabalhos ainda estão no início, no hemisfério norte a semeadura de primavera se aproxima da fase final.

Em Santa Catarina os moinhos de trigo e suas representações estão preocupados com o desinteresse dos produtores em optar pelo plantio do trigo, a poucos dias do início da semeadura, muitos ainda não decidiram se irão ou não cultivar o cereal. Os desafios estão sobretudo relacionados aos custos de produção, é muito comum as receitas não cobrirem nem os custos operacionais da produção de trigo, e em muitos anos o governo federal teve que intervir com estratégias de apoio à comercialização como forma de diminuir os prejuízos dos produtores. Nesse ambiente desfavorável, a viabilidade econômica e social do produtor fica comprometida, na medida em que os custos totais da atividade não vem sendo cobertos. A cada ano que passa, os produtores não tem conseguido recuperar os investimentos em máquinas e equipamentos já imobilizados, e muito menos realizar novos investimentos. Nesse ambiente de incertezas, muitas cooperativas estão desenvolvendo estratégias para garantir o seu abastecimento de trigo, uma delas passa pela garantia ao produtor de preço e de compra na hora da comercialização. É certo que tanto o setor produtivo como o setor agroindustrial, ou seja, toda cadeia produtiva do trigo, necessita mais do que nunca de apoio das estruturas governamentais para garantir a sustentabilidade da atividade para os próximos anos.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Eng. Agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

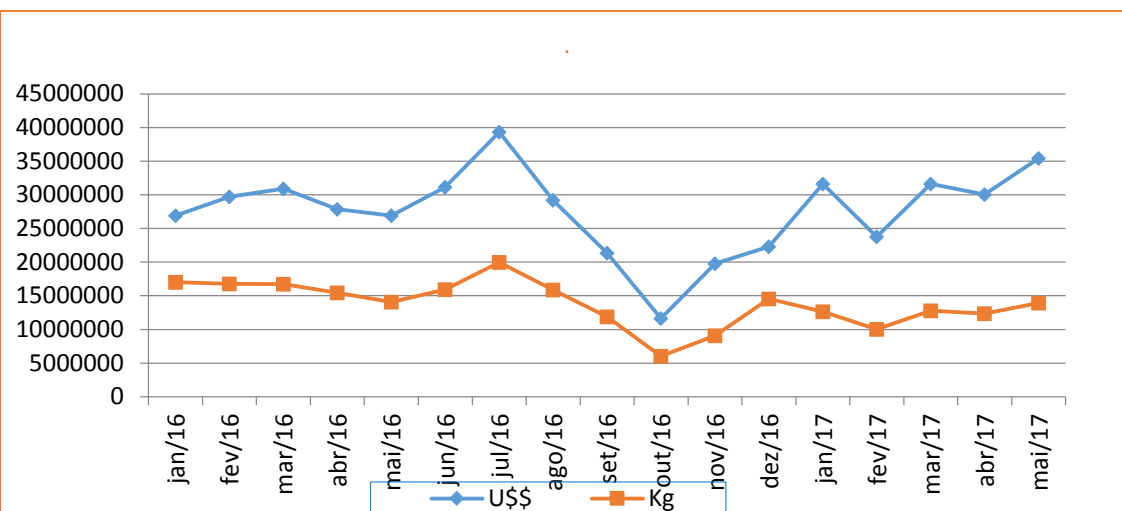
A Safra Catarinense de Alho está na fase final da comercialização. Santa Catarina é o principal produtor nacional de alho com aproximadamente 2.400ha de área plantada na safra 2016/17, cuja produção fora estimada em mais de 20 mil toneladas.

As condições climáticas e o nível tecnológico das lavouras no Estado contribuíram para uma safra extraordinária em produtividade e qualidade dos bulbos. Essa condição permitiu a produtores e cooperativas enfrentar com maior tranquilidade a dinâmica de comercialização da safra de modo que há consenso em relação aos resultados gerais da safra catarinense como uma safra com bons resultados aos produtores e componentes da cadeia produtiva.

A recuperação de preços ocorrida nos meses de março e abril, manteve-se no mês de maio na faixa de R\$ 5,50/Kg acima da classe, contribuindo para o fechamento da safra de alho catarinense 2016/17 com avaliação positiva em termos de retorno econômico ao produtor e a cadeia produtiva. Os resultados alcançados e as perspectivas gerais da cultura no estado, apontam para um cenário de ampliação da área plantada para a safra 2017/18, que deve ficar entre 15 a 20%, segundo relato de técnicos de campo, cooperativas e lideranças do setor. Essa conjuntura também é observada para o cenário nacional e internacional nos principais países produtores.

Se por um lado, houve ambiente positivo patrocinado pelos bons resultados da atividade, desencadeando tendência geral de ampliação da área de plantio, por outro, especialmente os produtores, deverão se preocupar com uma boa estratégia de produção e comercialização, gestão de custos da próxima safra, em função de que deveremos ter um mercado de alho com oferta bem superior ao quadro vivido na safra 2016/17.

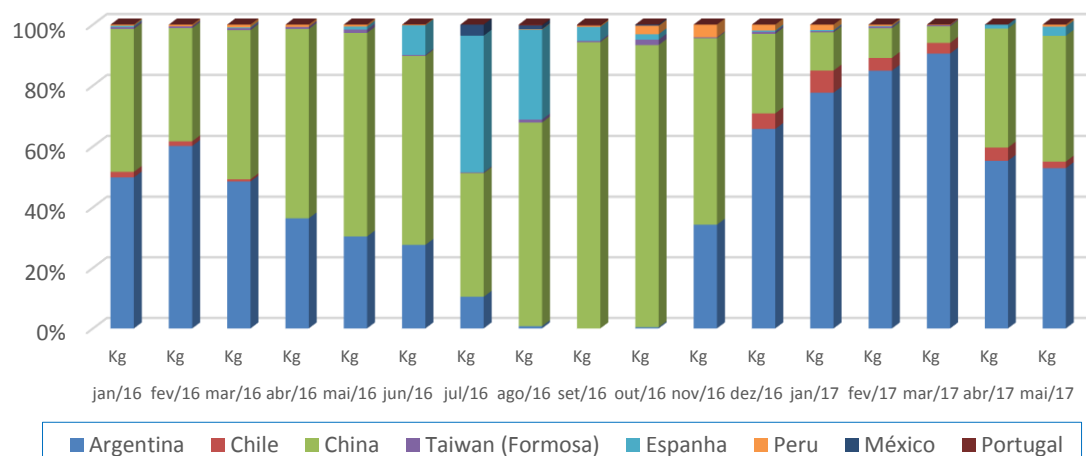
Em relação as importações como pode ser visto na figura a seguir, no mês de maio de 2017, o Brasil importou próximo a 15 mil toneladas de alho, quantidade muito semelhante ao ocorrido no mesmo mês do ano passado, porém com os preços internacionais em patamar superior ao do ano passado, cuja recuperação iniciou-se a partir de outubro de 2016, com a menor oferta de alho pela China.



Fonte: Sistema Alice/MDIC – junho 2017.

Importação de Alho pelo Brasil - 2016 e jan. a maio de 2017

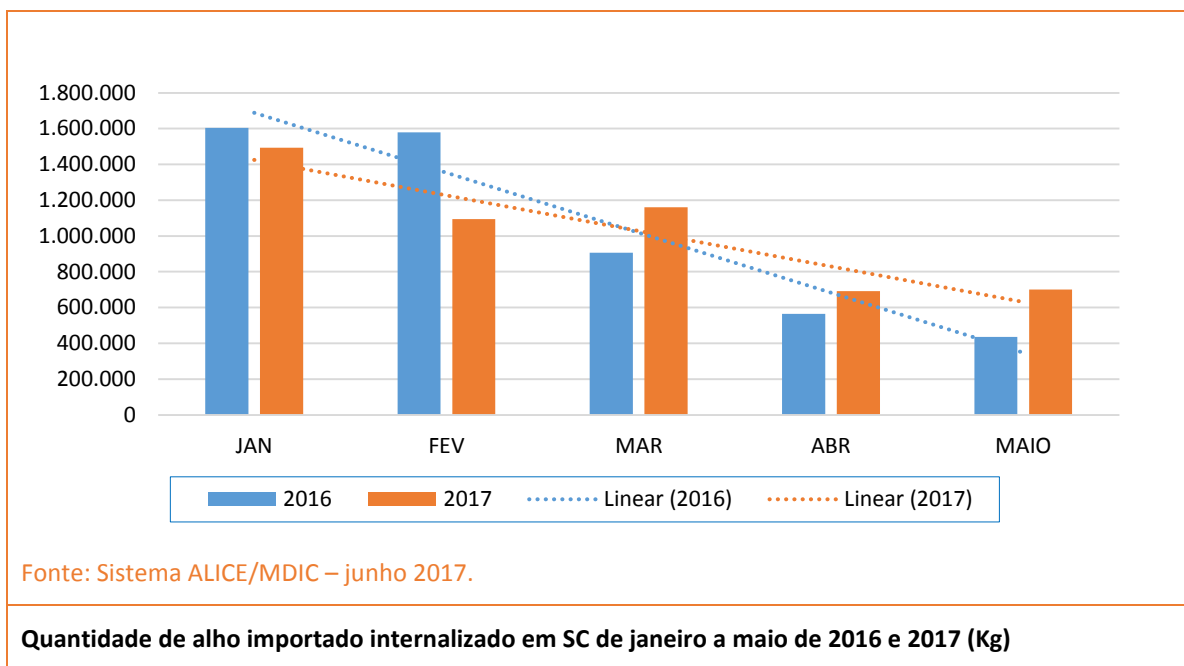
Na figura abaixo, apresentamos a composição da origem do alho importado pelo Brasil a partir dos países fornecedores. Basicamente os maiores fornecedores são China e Argentina, que são maiores produtores mundiais. A produção oriunda da China apresenta tendência de crescimento nos próximos meses pela razão da oferta da nova safra e pelo quadro da demanda interna brasileira.



Fonte: Sistema Alice/MDIC – junho 2017.

Participação dos países - mês a mês - na venda de alho ao Brasil - ano de 2016 e jan. a maio de 2017

Para Santa Catarina o quadro de importação de alhos pode ser visto pelo gráfico abaixo. Comparativamente o quadro é muito semelhante nos dois períodos, porém nos meses de março a maio/2017 as importações são maiores que no mesmo período de 2016, mesmo com um quadro de boa safra em Santa Catarina e de oferta menor no mercado internacional.



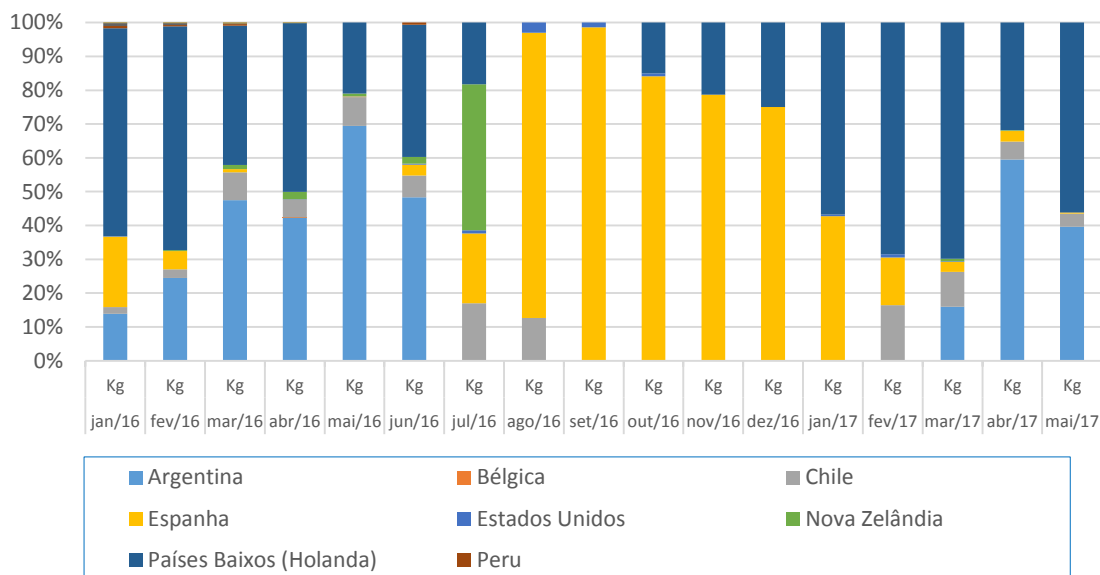
Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Eng. Agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

O estado de Santa Catarina é o maior produtor nacional de cebola com mais de 20 mil hectares plantados. A safra catarinense de 2016/17 se desenvolveu em condições climáticas muito favoráveis que, associadas ao uso intenso de tecnologias, apresentou produção recorde e deverá ultrapassar as 580 mil toneladas. Os produtores catarinenses alcançaram produtividades acima de 30 toneladas por hectare, não sendo raro encontrar produtores com produtividade acima de 50 toneladas por hectare. Esse comportamento da cultura ocorreu também nas principais regiões produtoras brasileiras e fez com o mercado persistisse desde o final de 2016 com expressivo volume ofertado, trazendo consequências importantes ao setor, especialmente na queda de preço pago ao produtor.

No mês de maio a safra de cebola catarinense e da região sul do Brasil atingiu sua fase final de comercialização. A partir desse período o abastecimento do mercado será principalmente pela produção das regiões do nordeste, como os estados da Bahia, Pernambuco e sudeste como os estados de São Paulo, Minas Gerais e com importação especialmente da Argentina e da Holanda.

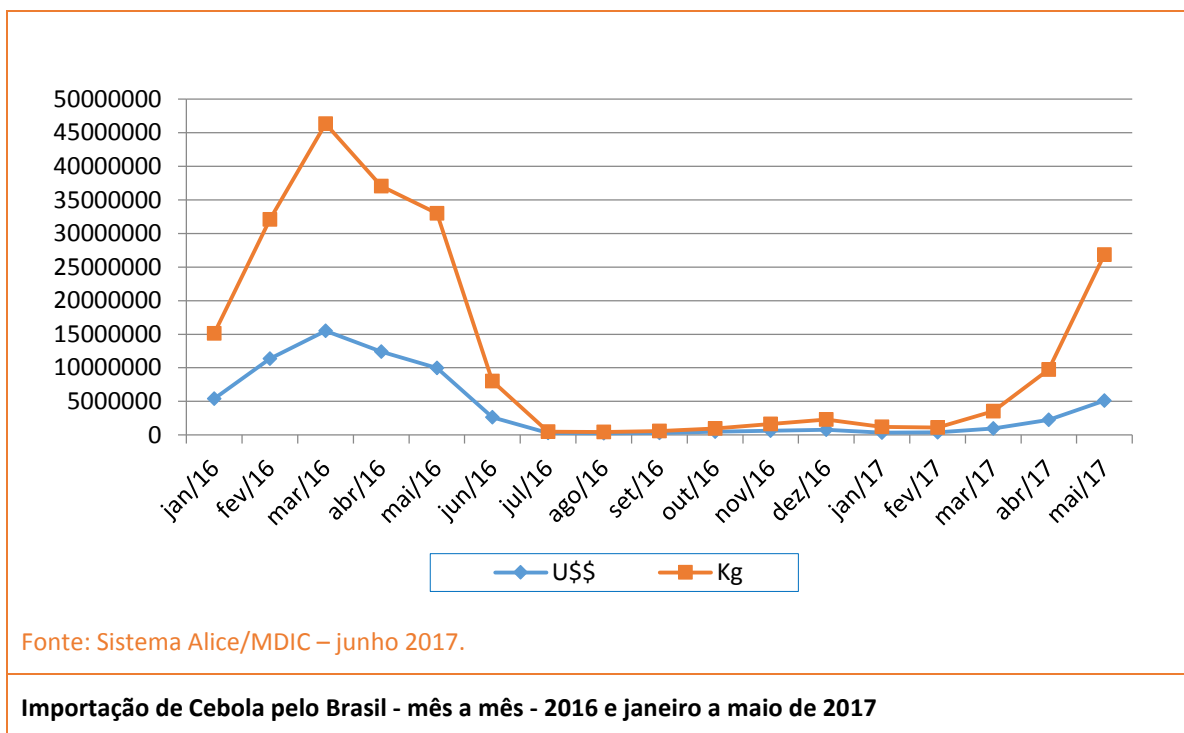
No período mais recente a importação de cebola foi comandada pela entrada, de cebolas Argentina e Holandesa principalmente (Figura abaixo). A cebola Holandesa, especialmente, tem chegado com qualidade baixa em função do longo período de permanência armazenada desde a colheita.



Fonte: Sistema Alice/MDIC – junho 2017.

Participação dos países na venda de cebola ao Brasil - mês a mês - ano de 2016 e janeiro a maio de 2017

Com relação a importação de cebola, a grande oferta de produção nacional desde o início do segundo semestre de 2016 tem contribuído para significativa redução das importações, comparativamente ao primeiro semestre de 2016. Porém, no último trimestre há uma importante retomada do volume de internalização de cebola pelo Brasil, chegando a 26,8 mil toneladas no mês de maio/17, contra uma média abaixo de 5 mil toneladas/mês registradas desde junho de 2016, como pode ser visto no gráfico 08. Coerente com a grande oferta de produto, os preços internacionais tem caído significativamente.

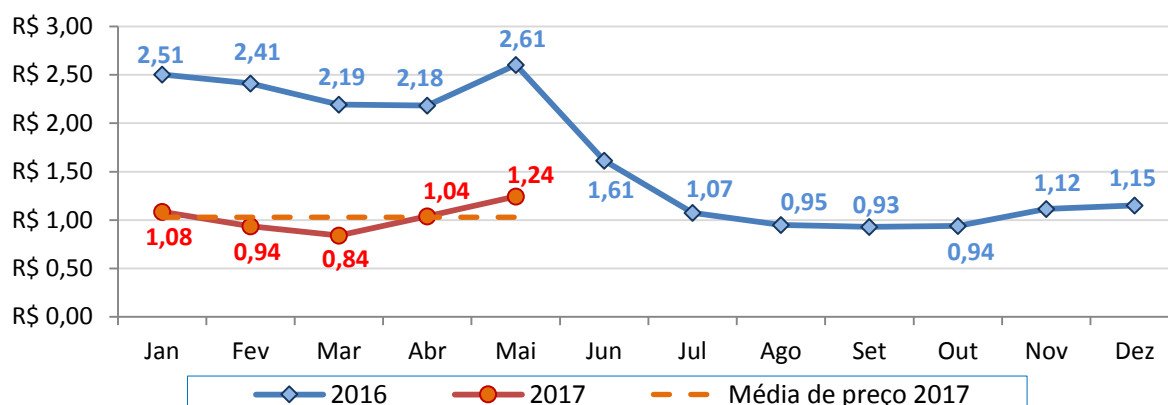


No Estado de Santa Catarina inicia-se o período de implantação da próxima safra de cebola e por certo ainda é cedo para avaliações em termos de perspectivas da nova safra, considerando os resultados da que se encerra neste momento. Porém, há alguns elementos que sinalizam um possível cenário inicial da nova safra 2017/18.

Os produtores das regiões mais tradicionais de cebola de nosso estado em função de seus históricos com a cultura, estrutura das propriedades, relações de mercado construídas nas últimas décadas, dentre outros componentes intrínsecos a cadeia produtiva, devem implantar suas lavouras sem alteração de área plantada. A tendência constatada a campo nesse início de implantação de safra, é um possível crescimento das variedades precoces e super precoces em relação às de ciclos mais tardios. Contribuíram para este comportamento os resultados da comercialização da última safra considerados abaixo das expectativas pelo setor de forma geral.

No mês de maio, os preços da cebola pagos ao produtor atingiram média de R\$0,66/Kg conforme levantamento à campo realizado pela Epagri/Cepa.

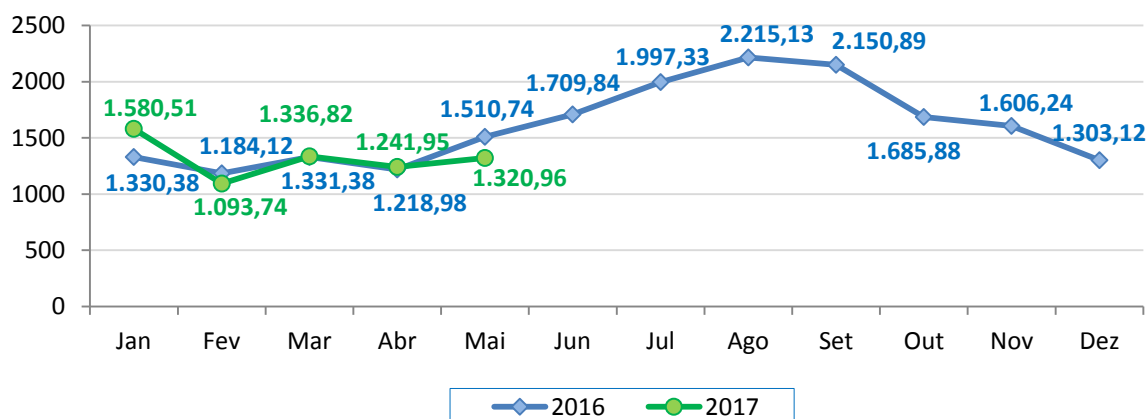
Com relação aos preços praticados no mercado atacadista, na Ceasa/SC – Unidade de São Jose/SC, o mês de maio manteve a tendência de recuperação de preços conforme pode ser visto no gráfico 09, porém com significativa distância dos preços praticados no mesmo período do ano de 2016.



Fonte: Ceasa/SC.

Evolução mensal do preço médio ponderado por quilo da cebola na Ceasa/SC - Unidade de São José/ano de 2016 e jan. a maio de 2017

Ainda em relação ao mercado atacadista, o volume registrado na comercialização no mês de maio de 2017 teve crescimento de 5,98% em relação a abril, porém ficando 189,78 toneladas abaixo do mesmo mês de 2016, significando uma queda de 12,56%.



Fonte: Ceasa/SC.

Evolução mensal do volume (t) da cebola comercializada na Ceasa/SC – Unidade de São José/ano de 2016 e jan. a maio de 2017

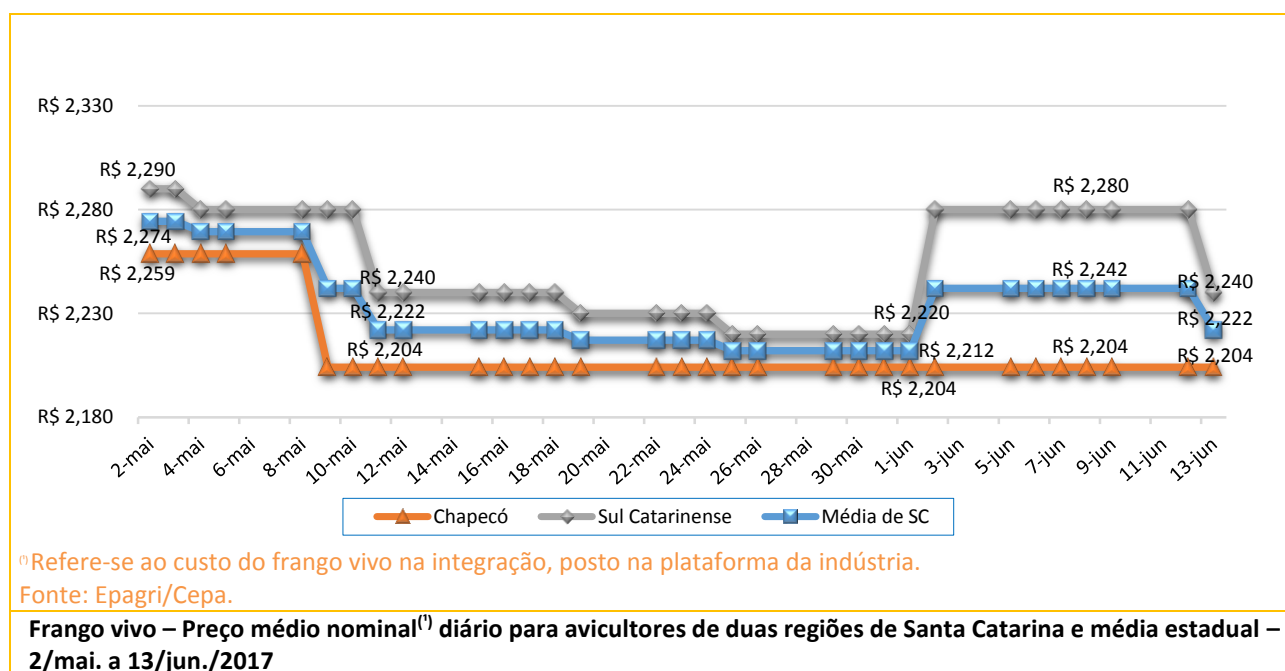
Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Os preços do frango vivo em Santa Catarina sofreram diversas oscilações nas últimas semanas, conforme é possível perceber no gráfico abaixo. Nas duas primeiras semanas de maio registraram-se movimentos de queda nas duas praças de coleta de informações. Depois dessa queda inicial, o preço em Chapecó se manteve inalterado no restante do período. Já no Sul Catarinense observam-se novas variações negativas no decorrer de maio. A variação acumulada entre os dias 2 e 31 de maio foi de -2,42% em Chapecó e -3,06% no Sul Catarinense.

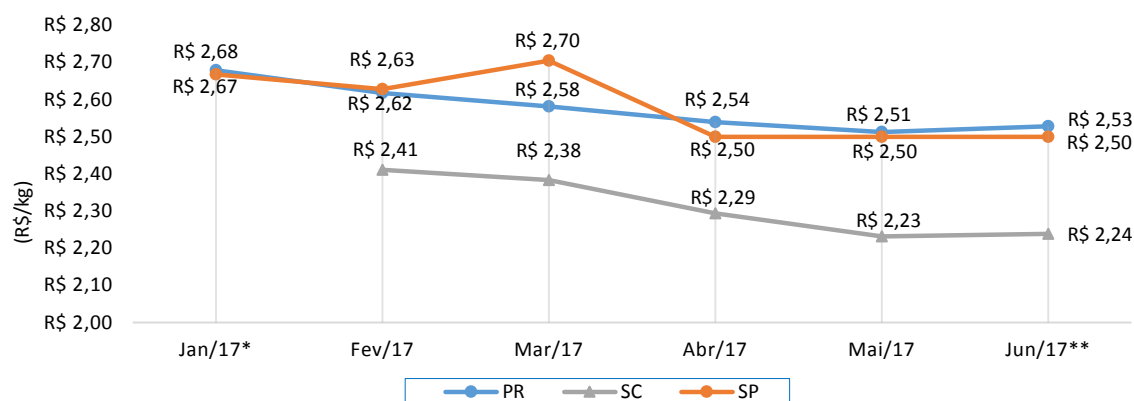
No início de junho registrou-se uma inesperada variação positiva de 2,70% no Sul Catarinense, o que contribuiu para recuperar parcialmente as perdas anteriores e elevar o preço médio estadual. No entanto, em 13 de junho ocorreu nova queda nessa praça. As defasagens nos preços de 13 de junho (última data de coleta utilizada neste boletim) em relação àqueles praticados em 2 de maio eram de -2,42% em Chapecó, -2,18% no Sul Catarinense e -2,30% na média estadual.



Na comparação entre Santa Catarina e outros dois importantes estados produtores (Paraná e São Paulo), percebe-se que os preços apresentaram comportamentos distintos nos três, conforme é possível perceber no gráfico a seguir. Em Santa Catarina o preço preliminar de junho encontra-se ligeiramente acima da média estadual de maio (0,30%). Conforme ressaltado anteriormente, esse resultado deve-se à variação positiva observada no Sul Catarinense. Contudo, em Chapecó, uma das principais regiões produtoras de frango do Estado, a média preliminar de junho é 0,56% inferior à de maio.

O Paraná registrou pequena oscilação positiva no preço médio estadual, interrompendo a sequência de quedas iniciada em dezembro do ano passado. Dessa vez a variação em relação ao mês anterior foi de 0,60%. São Paulo, por sua vez, mantém o mesmo preço desde o início de abril: R\$2,50/kg de frango vivo.

Os três estados registram defasagens significativas nos preços atuais quando comparados àqueles praticados em junho de 2016: -10,35% em São Paulo, -8,57% no Paraná e -8,31% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, registrada pelo IGP-DI/FGV, foi de 1,07%.



¹ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Não há dados disponíveis para Santa Catarina relativos ao mês de janeiro/17.

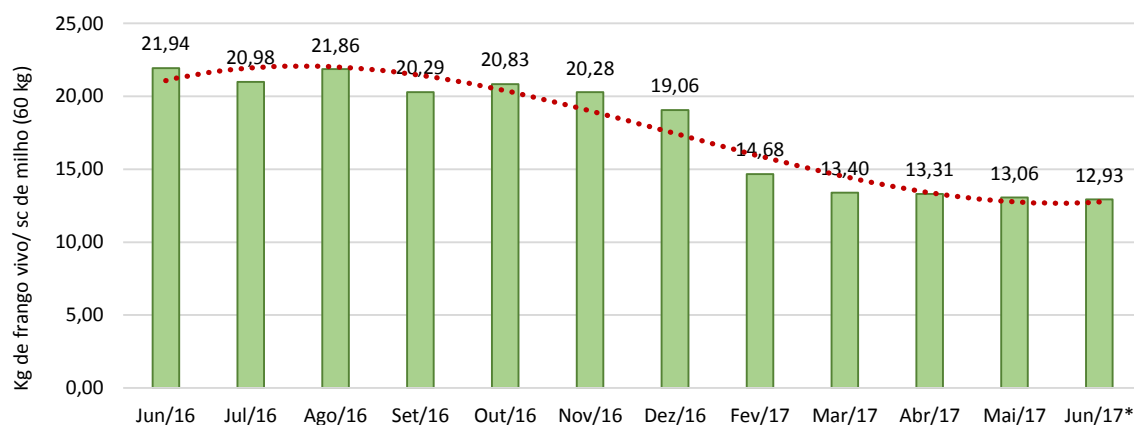
** Os dados do mês de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jun./2017.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal¹ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2017

A boa notícia é que, por ora, os custos de produção seguem caindo. Segundo a Embrapa Suínos e Aves, em maio o Índice de Custos de Produção do Frango (ICP-Frango) foi 2,83% menor que no mês anterior. Nos últimos 12 meses a variação foi de -18,87%.

A relação de troca insumo/produto, índice calculado pela Epagri/Cepa, também registrou queda em maio (-1,87%). O valor preliminar de junho indica a provável continuidade desse movimento de queda que vem sendo observado desde novembro do ano passado.



Para cálculo da relação de troca insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

* Os dados do mês de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jun./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2016/2017

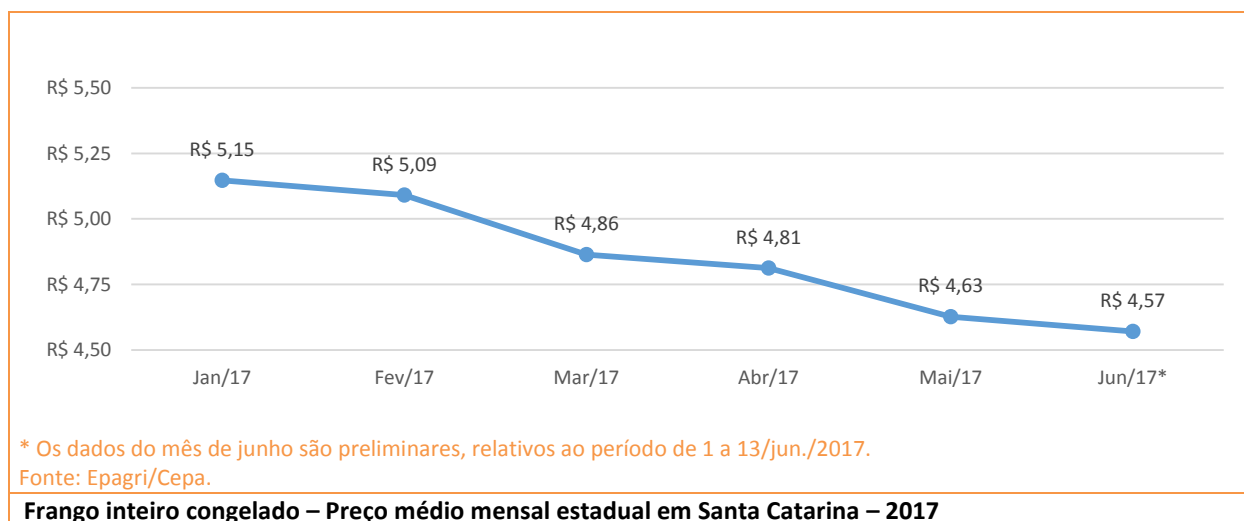
O fator responsável pela redução no valor da relação de troca em junho (-1,02%) mais uma vez é o preço do milho, que registrou variação de -1,72% entre maio e junho. Em relação a junho de 2016, o preço atual é 46,55% inferior. Já na comparação com o mesmo mês de 2015, há um incremento de 7,30%. A oscilação negativa no preço do frango na praça de Chapecó impediu uma queda ainda maior no índice de troca neste mês.

Os levantamentos da Conab seguem reforçando a perspectiva de que o Brasil tenha uma safra recorde de grãos. De acordo com o 9º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2016/17, a 1ª safra na temporada 2016/17 deverá ter uma produção de 30,31 milhões de toneladas de milho, aumento de 17,68% em relação à safra anterior. Para a 2ª safra as estimativas indicam que a produção deve atingir 63,52 milhões de toneladas, incremento de 55,8%. A produção total deve ser de 93,84 milhões de toneladas de milho (41,04% acima do montante colhido na safra 2015/16).

Em Santa Catarina, conforme o Acompanhamento de Safra da Epagri/Cepa relativo ao mês de maio, a estimativa é que sejam colhidas 3,16 milhões de toneladas de milho, aumento de 15,78% em relação à safra passada.

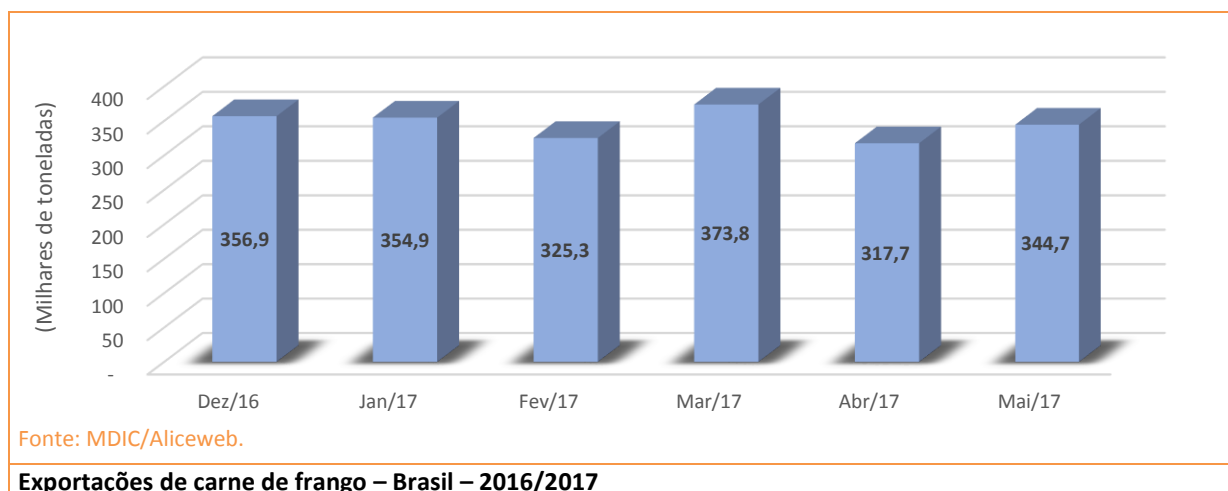
Se por um lado a queda nos custos de produção traz algum alívio para o setor, por outro a situação econômica, somada à crise política, provoca impactos sobre o consumo de carnes. A fraca demanda interna por proteínas de origem animal têm sido fator chave nas quedas de preços observadas recentemente, tanto ao produtor quanto no atacado. Conforme levantamento do Centro de Estudos em Economia Aplicada (Cepea), durante o mês de maio a cotação do frango inteiro congelado caiu na maioria das regiões pesquisadas pela instituição. O mesmo aconteceu com os demais cortes. O corte que apresentou a maior variação foi a asa de frango resfriada, que caiu 10% na Grande São Paulo.

Situação semelhante é observada no atacado em Santa Catarina, onde três dos quatro cortes de frango pesquisados pela Epagri/Cepa apresentaram queda no preço preliminar de junho em relação a maio. A maior variação foi observada no preço médio estadual do filé de peito congelado, que caiu 1,90%. O único corte que apresentou alta foi a coxa/sobrecoxa congelada, com variação de 0,22% entre maio e junho. O frango inteiro congelado, por sua vez, registra queda de 1,24% na comparação com o mês anterior. Em relação a junho de 2016, o preço atual do frango inteiro está 8,51% menor.



Frango inteiro congelado – Preço médio mensal estadual em Santa Catarina – 2017

Depois da forte queda nas exportações de carne de frango em abril, no mês passado registrou-se números um pouco melhores. Segundo os dados do Ministério da Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), em maio o Brasil exportou 344,7 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), aumento de 8,50% em relação a abril. Contudo, quando comparado a maio de 2016, o montante atual é 10,50% inferior.



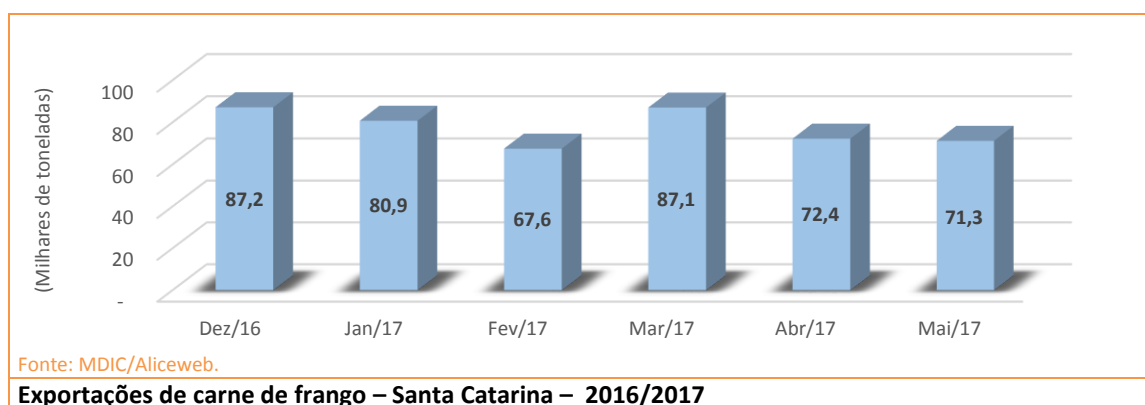
Em relação às receitas, em maio atingiu-se o montante de US\$588,8 milhões, aumento de 8,43% em relação a abril, mas queda de 2,50% na comparação com maio do ano anterior.

As receitas acumuladas nos primeiros 5 meses do ano atingiram US\$2,93 bilhões, aumento de 8,91% em relação ao mesmo período de 2016. Por outro lado, a quantidade exportada de janeiro a maio (1,72 milhão de toneladas) representa uma queda de 5,76% na comparação com o ano anterior.

Os principais destinos da carne de frango brasileira no mês passado foram Arábia Saudita, Japão e China, que juntos responderam por 37,24% das receitas do País com esse produto.

Os dados preliminares divulgados pelo MDIC, referentes às duas primeiras semanas de junho, apontam quedas na média diária de embarques de carne de frango em relação a maio: -18,1% em valor e -19,1% em quantidade. Na comparação com junho de 2016 as diferenças são ainda mais significativas: -28,6% em valor e -33,0% em quantidade.

Diferentemente do que ocorreu no âmbito nacional, em maio Santa Catarina apresentou nova queda nas exportações em relação ao mês anterior. No mês passado o Estado exportou 71,33 mil toneladas de carne de frango, queda de 1,41% em relação a abril. Na comparação com maio de 2016, a queda é ainda mais expressiva: -20,30%.



No que diz respeito às receitas, as exportações catarinenses de frango geraram US\$140,4 milhões, aumento de 4,21% em relação ao mês anterior, mas queda de 9,52% na comparação com maio de 2016.

As receitas acumuladas nos primeiros 5 meses do ano atingiram US\$710,7 milhões, aumento de 5,74% em relação ao mesmo período de 2016. No entanto, em termos de quantidade foram exportadas 379,28 mil toneladas, o que representa queda de 9,01% em relação ao ano anterior.

Os principais destinos da carne catarinense foram Japão, China e Arábia Saudita, os quais, juntos, responderam por 39,94% das exportações do Estado.

Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Maio/2017

País	Valor (US\$)	Qtidade (t)
Japão	28.184.395,00	12.708
China	17.314.384,00	8.213
Arábia Saudita	10.583.465,00	5.851
Países Baixos	9.142.957,00	4.198
Reino Unido	7.232.654,00	2.882
Demais países	67.956.107,00	37.481
Total	140.413.962,00	71.333

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Conforme comunicado da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), o setor ainda está se recuperando dos efeitos adversos gerados internacionalmente pelos equívocos na divulgação da “Operação Carne Fraca”. Mercados como China, Hong Kong, Kuwait e outros ainda apresentam desempenho inferior ao registrado no período equivalente de 2016. A ABPA chama atenção também para o fato de que os embarques ocorridos entre março e junho do ano passado alcançaram patamares extraordinários, o que torna a comparação com aquele período desfavorável.

Outro fator que pode vir a afetar o mercado, inclusive no que diz respeito às exportações, é a divulgação do acordo de delação premiada entre os proprietários da JBS e a Procuradoria Geral da República, em que são relatados atos ilícitos que envolveriam a JBS e grande número de políticos. Após a divulgação dessa informação, as ações da empresa sofreram forte queda na Bolsa de Valores de São Paulo. Embora parte dessas perdas tenha sido recuperada por algumas altas nas semanas seguintes, a imagem e a credibilidade da empresa foram afetadas, o que pode comprometer parte de seu mercado. Por ora ainda não é possível mensurar o impacto disso no mercado de frango, mas é importante acompanhar os desdobramentos desse processo nos próximos meses.

Não obstante os números registrados nos últimos dois meses, analistas do Rabobank avaliam que os exportadores brasileiros de carnes deverão continuar a aumentar sua fatia de participação no mercado chinês até 2020, principalmente em função das vendas de carne bovina. Em relação ao frango, o Rabobank acredita que o Brasil deverá enfrentar um aumento da concorrência com os Estados Unidos no acesso ao mercado chinês, à medida que os casos de gripe aviária registrados em território estadunidense sejam resolvidos.

Recentemente o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA na sigla em inglês) publicou seu relatório periódico com perspectivas sobre a produção, consumo e comércio internacional de carnes em 2017. De acordo com o *Livestock and Poultry*, a produção mundial de carne de frango deve crescer 0,84% este ano. O USDA é bem mais otimista em relação ao Brasil e estima que o País deve aumentar sua produção em 4,11%, apesar do cenário interno desfavorável. No que diz respeito ao consumo, o USDA aponta perspectiva de crescimento de 0,81% em âmbito mundial e de 1,53% no Brasil.

Por fim, quanto ao mercado externo, o USDA prevê aumento significativo nas exportações mundiais em 2017, podendo-se atingir a taxa de 4,46%. O Brasil, por sua vez, deve apresentar crescimento ainda mais expressivo de 10,05%, atingindo o montante de 4,28 milhões de toneladas exportadas, conforme projeções do órgão estadunidense. Há que se ressaltar que até o momento essas projeções não encontram respaldo nos números oficiais dos 5 meses iniciais, conforme apresentado anteriormente.

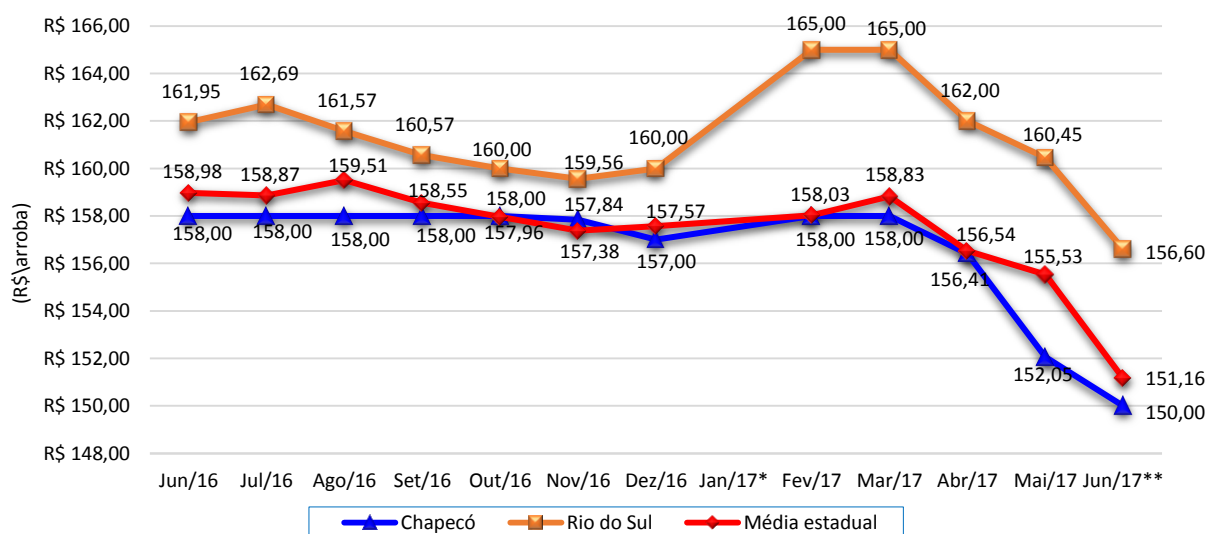
Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br

O mercado do boi gordo iniciou o mês de junho com a continuidade do movimento de queda observado há vários meses e que se intensificou em abril passado, após a deflagração da “Operação Carne Fraca”. Além dos efeitos residuais dessa operação, essa situação deve-se à crise econômica e à ocorrência de fatos novos no cenário político nacional que indiretamente envolvem e afetam o setor de carnes, como veremos adiante.

Diferentemente do que ocorreu no restante do país, o mercado catarinense vinha dando sinais de recuperação dos preços no início de 2017, mas esse movimento foi interrompido em abril, conforme fica evidenciado no gráfico abaixo.

Em junho as duas praças de referência para o preço do boi gordo em Santa Catarina seguiram a tendência nacional e apresentaram quedas em relação ao mês anterior: -1,35% em Chapecó e -2,40% em Rio do Sul. A média estadual (que inclui 8 praças de coleta de preços) registrou queda ainda mais significativa: -2,81%. Embora esses preços sejam preliminares, no momento não há indicativos de alterações nesse quadro ao longo da segunda quinzena do mês. Quando comparados a junho de 2016, os preços atuais apresentam defasagem ainda maior: -5,06% em Chapecó, -3,30% em Rio do Sul e -4,92% na média estadual.



⁽¹⁾ Para pagamento em 20 dias.

* Não há dados disponíveis para as praças de Chapecó e Rio do Sul em relação ao mês de janeiro de 2017. Em função da ausência das praças de referência, optou-se por não utilizar o preço médio estadual desse período, para evitar distorções.

** Os dados do mês de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jun./2017.

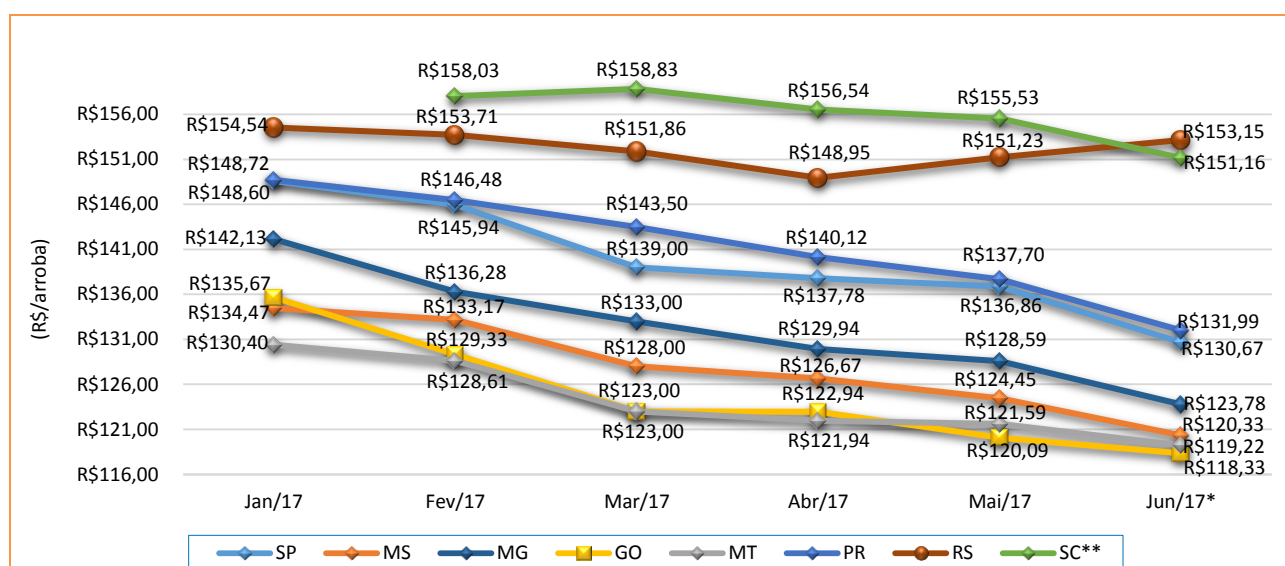
Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal do boi gordo⁽¹⁾ nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2016/2017

No cenário nacional a situação é semelhante ao que tem sido observado em Santa Catarina, com a diferença de que não se observou recuperação no início deste ano, como foi comentado anteriormente. Dos oito estados analisados, apenas o Rio Grande do Sul apresentou variação positiva no preço preliminar de junho

em relação ao mês anterior (1,27%), o que já havia sido observado em maio. Dentre os demais, a maior variação ocorreu em São Paulo, onde os preços da arroba caíram 4,53%. Em seguida encontram-se Paraná (-4,14%), Minas Gerais (-3,74%), Mato Grosso do Sul (-3,31%), Santa Catarina (-2,81%), Mato Grosso (-1,95%) e Goiás (-1,46%). Com tais variações, Santa Catarina, que desde agosto apresentava os maiores preços médios mensais dentre os estados analisados, perdeu a posição para o Rio Grande do Sul.

Em relação a junho de 2016, a defasagem dos valores atuais é ainda mais expressiva: -16,37% em São Paulo, -15,65% em Goiás, -14,54% em Mato Grosso do Sul, -13,90% em Minas Gerais, -11,47% em Mato Grosso, -10,28% no Paraná, -7,84% no Rio Grande do Sul e -4,92% em Santa Catarina. Como é possível verificar, apesar das quedas recentes, Santa Catarina continua sendo o estado com a menor variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, registrada pelo IGP-DI/FGV, foi de 1,07%.



** Os dados do mês de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jun./2017.

** Tendo em vista a ausência de dados das praças de referência (Chapecó e Rio do Sul) para o mês de janeiro, optou-se por não utilizar o preço médio estadual de SC para esse período.

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; DERAL/SEAB⁽³⁾; NESPRO⁽⁴⁾ (2017).

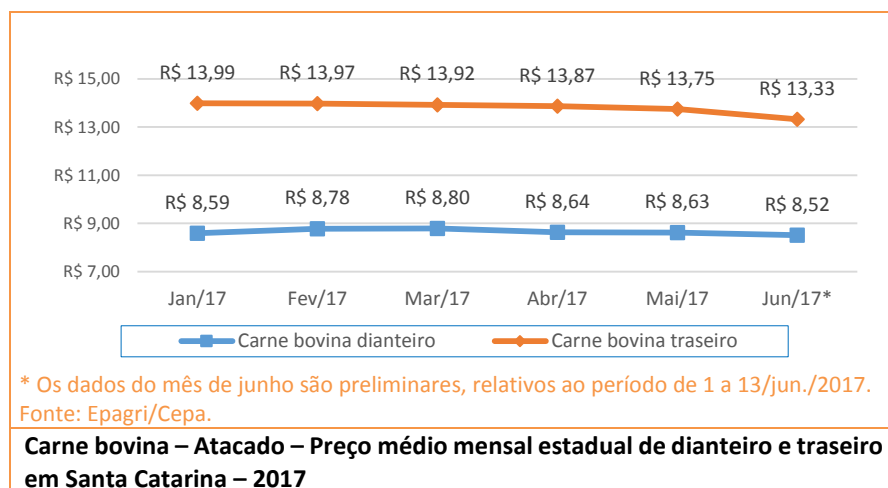
Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾ – 2017

O atual ciclo de dificuldades no mercado do boi gordo iniciou-se em meados de 2015, como decorrência da crise econômica enfrentada pelo País. Essa situação acentuou-se durante o ano de 2016, com o agravamento da crise e o enfraquecimento do consumo doméstico, destino de 81,6% da carne bovina produzida no Brasil. A partir de meados do ano passado passou a se observar constantes quedas de preços na maioria dos estados produtores, com raras oscilações positivas. Em março, com a deflagração da “Operação Carne Fraca”, o cenário tornou-se ainda mais crítico, pois a operação colocou em risco as exportações de carnes e abalou a confiança do consumidor brasileiro na qualidade dos produtos.

Quando parecia que o setor começava a se recuperar dos problemas decorrentes da repercussão da “Operação Carne Fraca”, outro fato marcante no cenário político nacional novamente atingiu a cadeia produtiva das carnes, com potenciais impactos sobre o comportamento do mercado. Trata-se da divulgação do acordo de delação premiada entre os proprietários da JBS e a Procuradoria Geral da República, em que são denunciados atos ilícitos que envolveriam a empresa e grande número de políticos. Após a divulgação

do acordo, em meados de maio, as ações da JBS sofreram forte queda na Bolsa de Valores de São Paulo. Embora parte dessas perdas tenha sido recuperada nas semanas seguintes, a imagem e a credibilidade da empresa foram afetadas, o que pode comprometer sua relação com fornecedores e compradores. Essa situação é mais grave no caso da cadeia da carne bovina, uma vez que a JBS é a principal produtora mundial desse tipo de proteína.

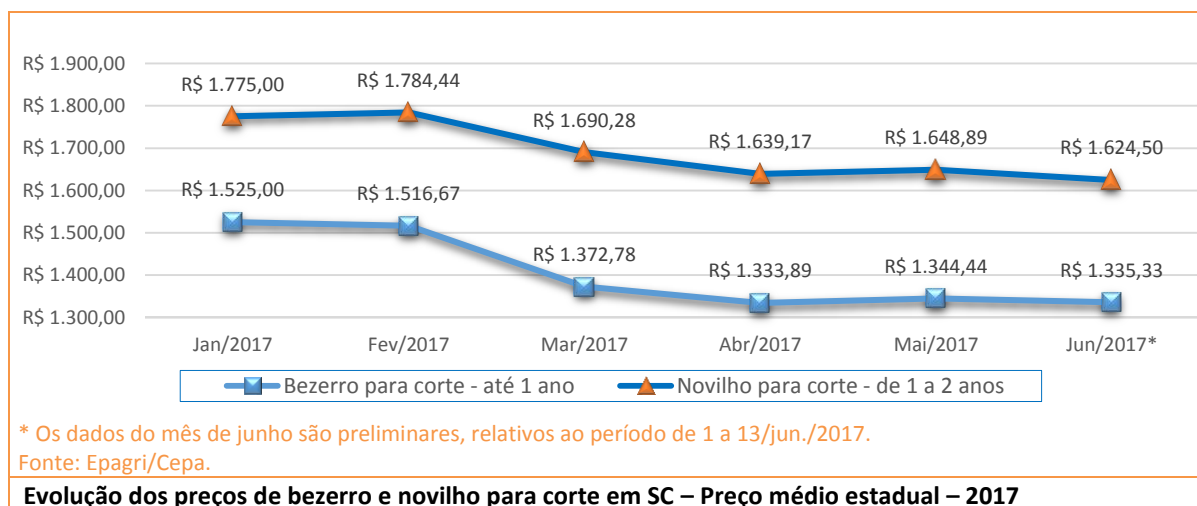
Algumas publicações especializadas relatam que muitos pecuaristas têm evitado vender seus animais para a JBS, uma vez que o frigorífico só atua com pagamento a prazo. As incertezas decorrentes da divulgação anteriormente mencionada fazem com que os produtores tenham receio em realizar negócios com a empresa, em função de uma eventual falta de liquidez da mesma para honrar seus compromissos.



O mercado atacadista também sofre as consequências da economia desaquecida, da demanda reduzida e do cenário político conturbado. Isso se expressa por meio da queda dos preços dos principais cortes, em especial os de maior valor. Os dados da Epagri/Cepa demonstram que em Santa Catarina tanto o corte dianteiro quanto o traseiro registraram quedas entre maio e junho (preços preliminares,

referentes ao período de 1 a 13 de junho). No caso do dianteiro, a queda foi de 1,28%, enquanto o traseiro sofreu redução de 3,04%. A variação mais significativa no corte traseiro deve-se principalmente ao fato do consumidor optar por cortes mais baratos (em geral localizados na parte dianteira) em momentos de restrições econômicas.

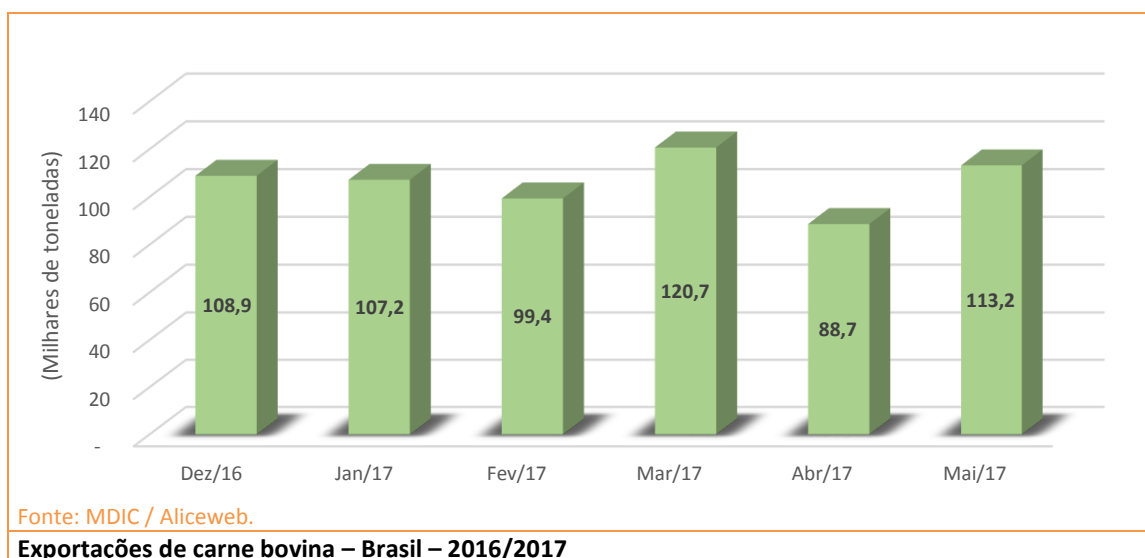
Após uma leve recuperação em maio, os preços dos animais de reposição voltaram a apresentar variação negativa em junho, de acordo com os levantamentos das duas primeiras semanas deste mês. O preço do bezerro até 1 ano para corte apresenta queda de 0,68% na comparação entre maio e junho, enquanto o novilho de 1 a 2 anos para corte registra redução de 1,48%. Os preços atuais estão abaixo dos registrados em junho de 2016: -3,53% no caso do bezerro e -2,92% para o novilho. No mesmo período os preços do boi gordo em Santa Catarina caíram 4,92%.



A variação positiva observada no mês passado pode ser atribuída à concentração de feiras e leilões que ocorrem nos meses de abril e maio em algumas das principais regiões produtoras do Estado, o que torna o mercado mais dinâmico nessa época. Contudo, passado esse período, as restrições se fizeram sentir novamente e as incertezas quanto à evolução do preço do boi gordo desestimularam a demanda por animais jovens.

Segundo diversos especialistas do setor, a demanda por animais de reposição segue retraída na maior parte do País, principalmente em função da desmotivação da maioria dos produtores em adquirir animais para recria ou engorda (seja a pasto ou confinamento), diante dos preços atuais do boi gordo e das perspectivas pouco otimistas no curto prazo.

Depois de despencarem em abril, em grande parte por conta dos efeitos da divulgação da “Operação Carne Fraca”, em maio as exportações de carne bovina voltaram a crescer em relação ao mês anterior. Conforme dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), o Brasil exportou 113,2 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miúdos) no mês passado, montante que representa um aumento de 27,69% em relação a abril. Contudo, na comparação com maio de 2016 os resultados são negativos, com queda de 10,27%.



Já as receitas atingiram o montante de US\$465,4 milhões em maio, aumento de 28,69% em relação ao mês anterior, mas queda de 5,16% na comparação com maio de 2016.

No acumulado do ano os números são negativos: queda de 10,47% na quantidade e de 5,85% nas receitas dos primeiros cinco meses, em relação a igual período do ano anterior. Segundo a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), existe a expectativa de que os resultados dos próximos meses continuem dando sinais de melhora, uma vez que em maio praticamente todas as barreiras decorrentes da “Operação Carne Fraca” foram removidas.

Os principais destinos da carne bovina brasileira em maio foram Hong Kong e China, que juntos foram responsáveis por 36,45% das receitas geradas com esse produto.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Maio/2017

País	Valor (US\$)	Qtidade (t)
Hong Kong	107.913.886,00	28.217
China	61.742.736,00	14.240
Rússia	39.516.758,00	11.981
Estados Unidos	38.835.622,00	6.518
Irã	27.393.965,00	6.795
Demais países	190.013.139,00	45.468
Total	465.416.106,00	113.219

Fonte: MDIC/Aliceweb.

De acordo com dados preliminares divulgados pelo MDIC, nas duas primeiras semanas de junho registrou-se crescimento na média diária de embarques de carne bovina em relação a junho de 2016: 19,6% no valor e 10,1% na quantidade.

Em relatório publicado ainda em maio, o Rabobank avalia que o Brasil deverá continuar a aumentar sua fatia de participação no mercado chinês até 2020, em especial no caso da carne bovina. Contudo, poderão ser observadas quedas nos preços, em função da maior concorrência de outros países exportadores, como a Austrália e os Estados Unidos.

Recentemente o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA na sigla em inglês) publicou seu relatório periódico com perspectivas sobre a produção, consumo e comércio internacional de carnes em 2017. De acordo com o referido documento, a produção mundial de carne bovina deve crescer 1,85% este ano. O USDA estima que o Brasil aumentará sua produção em 2,33%, apesar do cenário econômico desfavorável.

Em relação ao consumo, o USDA faz uma projeção de crescimento de 3,23% para o Brasil. Esse número parece não refletir a atual situação do mercado interno, que se encontra desaquecido.

Já quanto ao mercado externo, embora houvesse a expectativa de que o Brasil ultrapassasse a Índia e reassumisse o posto de maior exportador mundial de carne bovina, isso efetivamente não ocorreu em 2016. Para 2017 o USDA prevê que a Índia deverá permanecer na liderança das exportações mundiais. As projeções daquele órgão apontam perspectiva de que o Brasil exporte 1,8 milhão de toneladas, mantendo a segunda posição no comércio internacional. Ressalta-se que em outubro do ano passado, o USDA estimava preliminarmente que as exportações brasileiras poderiam atingir 1,95 milhões de toneladas este ano, número revisado no relatório de abril de 2017.

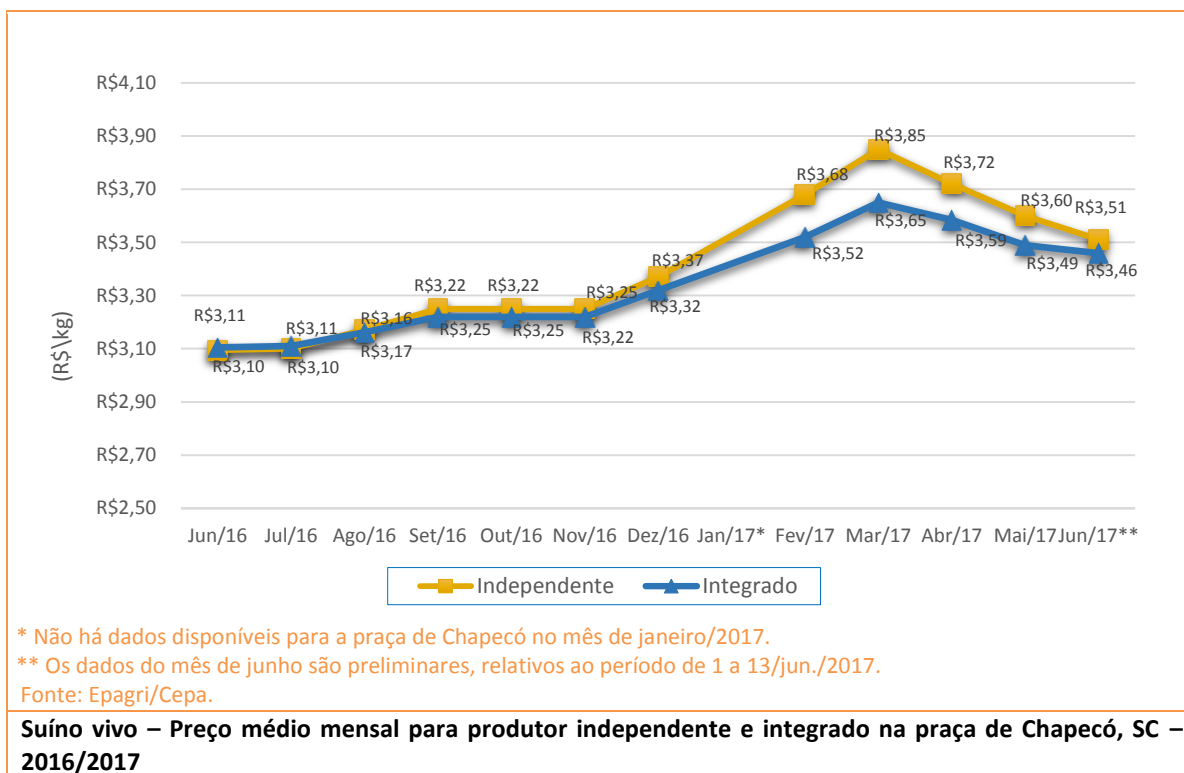
Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

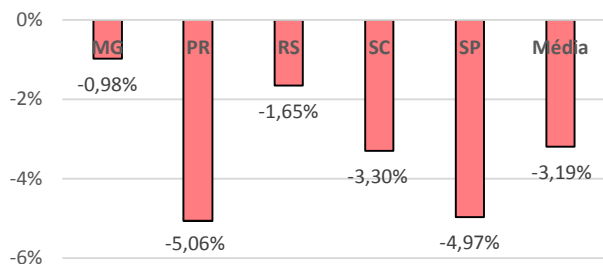
Os valores preliminares de junho (referentes ao período de 1 a 13 deste mês) demonstram a continuidade do movimento de queda nos preços ao produtor do suíno vivo em Chapecó. Essa tendência vem sendo observada desde a segunda quinzena de março, após a deflagração da “Operação Carne Fraca”. Comparando-se os preços pagos em Chapecó em 13 de março (última data anterior à deflagração da operação em que há preços disponíveis) e em 13 de junho (data de fechamento deste Boletim), percebe-se variações de -9,09% para produtores independentes e -5,21% para integrados.

Obviamente, esse movimento descendente não pode ser atribuído somente aos equívocos e consequências da “Operação Carne Fraca”. Há fatores adicionais que contribuem para esse cenário, como a persistente crise econômica e outros que abordaremos adiante.

Em relação a maio, os preços preliminares de junho na praça de Chapecó apresentam queda de 2,47% para o produtor independente e de 0,86% para o integrado. Apesar das últimas oscilações negativas, na comparação com junho de 2016 os preços atuais ainda registram variações positivas: 13,44% para os produtores independentes e 11,43% para os integrados.



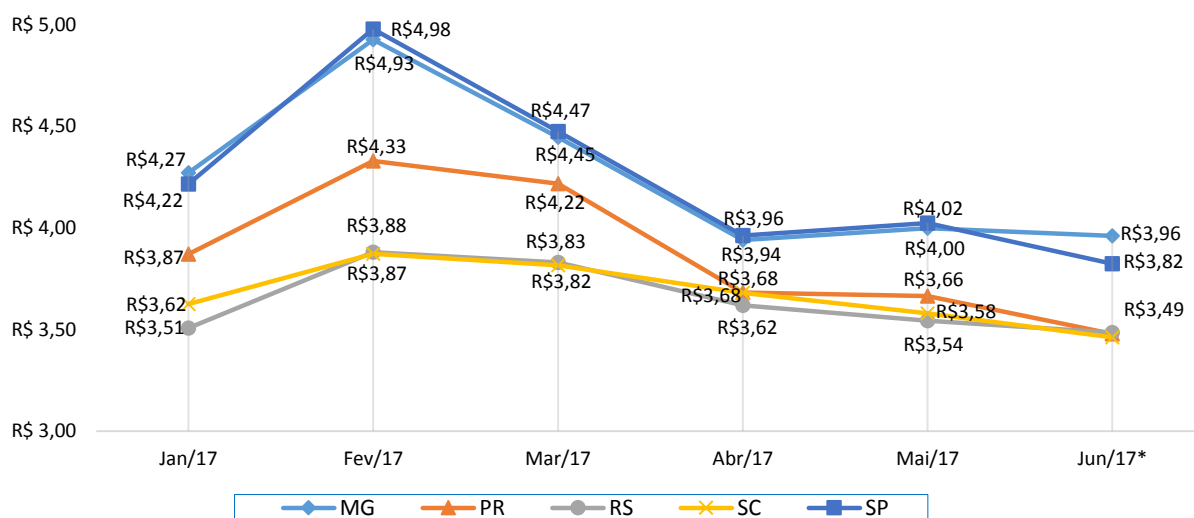
Não obstante alguns estados terem registrado leve recuperação nos preços em maio, junho têm dado sinais de que será um mês mais difícil para os produtores.



Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Suíno vivo – Variação do preço pago ao produtor nos principais estados (mai./2017 – jun./2017)

preliminares, no curto prazo não há sinais de recuperação significativa. O gráfico abaixo apresenta a evolução do preço pago ao produtor pelo quilo do suíno vivo nos cinco estados supramencionados nos últimos 6 meses.



* Os dados do mês de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jun./2017.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores – 2017

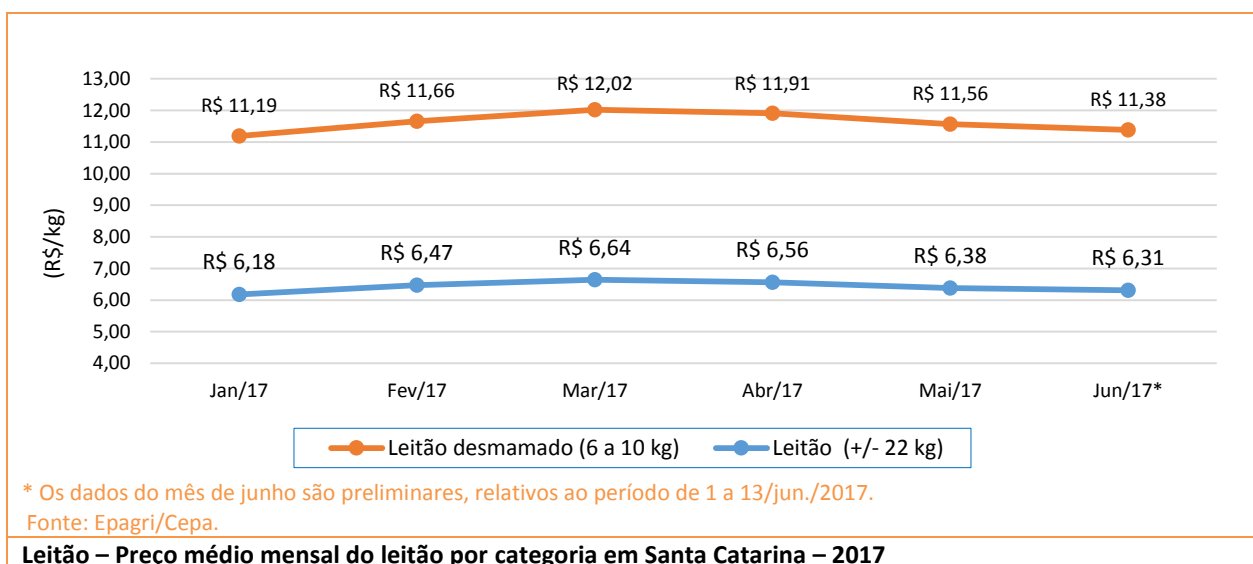
Após atingir os maiores valores nominais em mais de dois anos em fevereiro passado, os preços do suíno vivo começaram um movimento de baixa no mês seguinte. Com exceção de uma ligeira interrupção em algumas praças em maio, esse movimento se mantém até o momento, conforme números apresentados anteriormente. Mas quando se compara os preços atuais com aqueles praticados em junho de 2016, a situação é distinta de acordo com a unidade da federação considerada. Em três dos cinco estados avaliados foram registradas quedas nos preços nominais do período: Minas Gerais (-9,85%), São Paulo (-5,18%) e Paraná (-2,93%). Nos demais a variação foi positiva: 11,65% em Santa Catarina e 6,95% no Rio Grande do Sul. A inflação no período medida pelo IGP-DI foi de 1,07%.

Além da “Operação Carne Fraca”, outro fato marcante ocorrido nos últimos meses envolvendo a cadeia produtiva das carnes pode ter influência no comportamento do mercado. Trata-se da divulgação do acordo

de delação premiada entre os proprietários da JBS e a Procuradoria Geral da República, em que são denunciados atos ilícitos que envolveriam a empresa e grande número de políticos. Após a divulgação do acordo, em meados de maio, as ações da empresa sofreram forte queda na Bolsa de Valores de São Paulo. Embora parte dessas perdas tenha sido recuperada nas semanas seguintes, a imagem e a credibilidade da empresa foram afetadas, o que pode comprometer sua relação com fornecedores e compradores. Informações preliminares apontam que as quedas de preço mais recentes têm relação com esse fato, principalmente no estado de São Paulo.

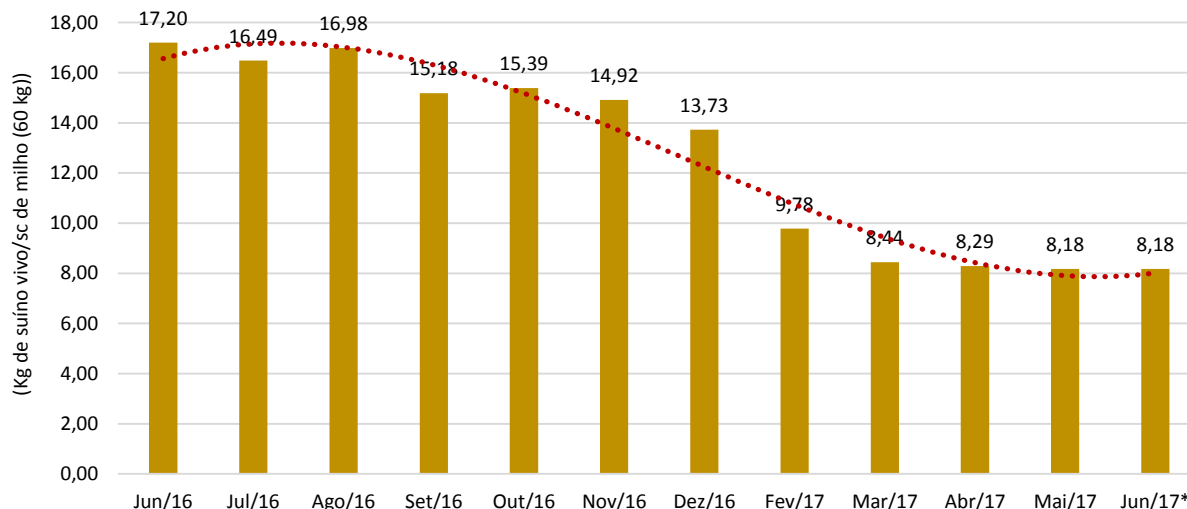
A redução dos embarques de carne suína entre abril e maio, como veremos adiante, elevou a oferta do produto no mercado interno, o que contribuiu para pressionar para baixo as cotações do suíno ao produtor e no atacado.

A tendência de baixa observada nos últimos meses também tem tido reflexos sobre os preços dos leitões. Em março, as duas categorias de leitões atingiram os maiores preços nominais desde dezembro de 2014. Contudo, em abril iniciou-se uma sequência de quedas que persiste até o presente mês. Em relação a maio, as médias preliminares de junho variaram -1,60% para os leitões de 6 a 10kg e -1,16% para os leitões de +/- 22kg. No entanto, na comparação com junho de 2016, os resultados ainda são positivos: aumento de 14,74% e 14,99% para os leitões de 6 a 10kg e de +/- 22kg, respectivamente.



Apesar das recentes quedas nos preços do suíno vivo, felizmente para os produtores também têm sido registradas variações negativas nos custos de produção desde meados do ano passado. De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) teve queda de 3,21% em maio, em relação ao mês anterior. A queda acumulada no ano já é de 16,01%, puxada principalmente pela redução nos custos com alimentação animal (variação de -16,96%).

Assim como o indicador da Embrapa, a relação de troca insumo/produto calculada pela Epagri/Cepa também indica uma redução significativa nos custos nos últimos 12 meses, conforme demonstra a figura abaixo.



Para o cálculo da relação de troca insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

* Os dados do mês de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jun./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2016/2017

Os dados preliminares indicam que em junho o índice manteve o valor de 8,18. A redução no ritmo de queda e posterior estagnação deve-se a dois fatores: em primeiro lugar, a diminuição na velocidade do movimento de baixa no preço do milho nos últimos quatro meses; em segundo lugar, a queda nos preços do suíno vivo a partir de meados de março. Por outro lado, ao compararmos o indicador atual com o dado de junho de 2016, verifica-se variação de -52,46%.

Em relação ao milho, o preço médio de atacado em Chapecó nas duas primeiras semanas de junho foi de R\$28,50 (saca de 60kg), 1,72% menor que no mês anterior e 46,55% abaixo do que era praticado em junho de 2016.

Conforme já relatado anteriormente no artigo que trata da avicultura, os dados mais recentes divulgados pela Conab reforçam a perspectiva de uma safra recorde de grãos. O 9º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2016/17 indica que na 1ª safra na temporada 2016/17, o Brasil deverá ter uma produção de 30,31 milhões de toneladas de milho, crescimento de 17,68% em relação à safra anterior. As estimativas para a 2ª safra apontam uma produção de 63,52 milhões de toneladas, aumento de 55,8%. A produção total deve ser de 93,84 milhões de toneladas de milho (41,04% acima do montante colhido na safra 2015/16).

Em Santa Catarina, conforme o Acompanhamento de Safra da Epagri/Cepa relativo ao mês de maio, a estimativa é que sejam colhidas 3,16 milhões de toneladas de milho, aumento de 15,78% em relação à safra passada.

Com o recorde na safra de grãos e a consequente redução nos custos de produção, o tema que tem ganho cada vez mais centralidade dentre as preocupações do setor suínico é a demanda enfraquecida no mercado interno, resultante da crise econômica. Esse cenário se reflete tanto nos preços pagos ao produtor quanto nos demais elos da cadeia. Dados do Cepea, por exemplo, apontam forte queda nos preços de alguns cortes, como é o caso da costela suína, que caiu 6% entre 31 de maio e 7 de junho no atacado do estado de São Paulo.

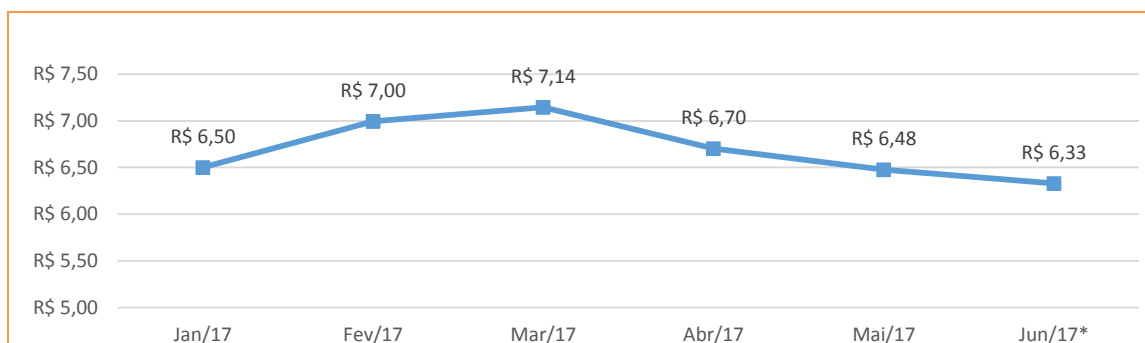
Os dados da Epagri/Cepa também demonstram quedas nos preços preliminares de junho em quatro dos cinco cortes cujo preço de atacado é acompanhado pela instituição. A variação mais significativa ocorreu com o carré sem couro, que registrou queda de 12,67% no período. Já a costela sem couro apresentou queda de 8,36%. O único corte com variação positiva foi o lombo suíno, com 0,63% de aumento.

Carne suína – Preços médio estadual no atacado - Santa Catarina – 2017			
Produto	Abril/17	Mai/17	Junho/17*
	(R\$)		
Carré (sem couro)	9,71	9,40	8,21
Costela (sem couro)	14,10	13,88	12,72
Lombo	11,80	11,71	11,78
Carcaça	6,70	6,48	6,33
Pernil (com osso e sem couro)	7,69	7,60	7,39

* Os dados do mês de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jun./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

A carcaça suína, por sua vez, registrou queda de 2,24%. O preço atual é 2,63% superior ao praticado em junho de 2016. Como é possível observar no gráfico a seguir, o preço de atacado da carcaça acompanhou o comportamento dos demais elos da cadeia produtiva, com movimento de ascensão até março e quedas consecutivas nos meses posteriores.



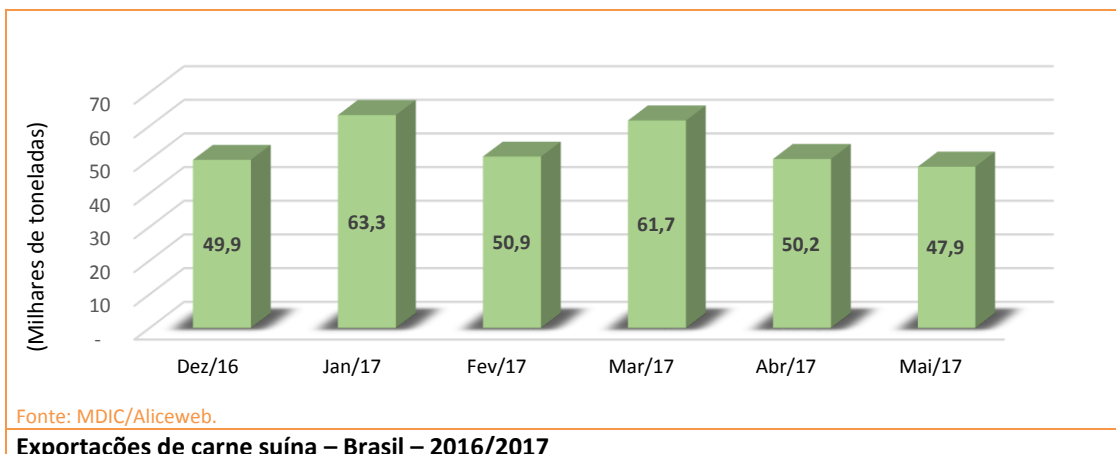
* Os dados do mês de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jun./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Carne suína – Preço médio mensal estadual da carcaça suína no atacado – Santa Catarina – 2017

Conforme já foi relatado em boletins anteriores, em função da persistência do cenário econômico desfavorável no âmbito interno, desde o ano passado o setor apostava nas exportações para fomentar o crescimento da produção e garantir a regulação do mercado. Após um bom início de ano que parecia ratificar tais perspectivas, os meses seguintes não foram tão favoráveis. Com exceção de janeiro e março, os demais meses registraram quedas nas exportações em relação ao ano anterior (tanto em quantidade quanto receitas).

De acordo com os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em maio o País exportou 47,9 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), queda de 4,56% em relação a abril e de 24,85% na comparação com maio de 2016.



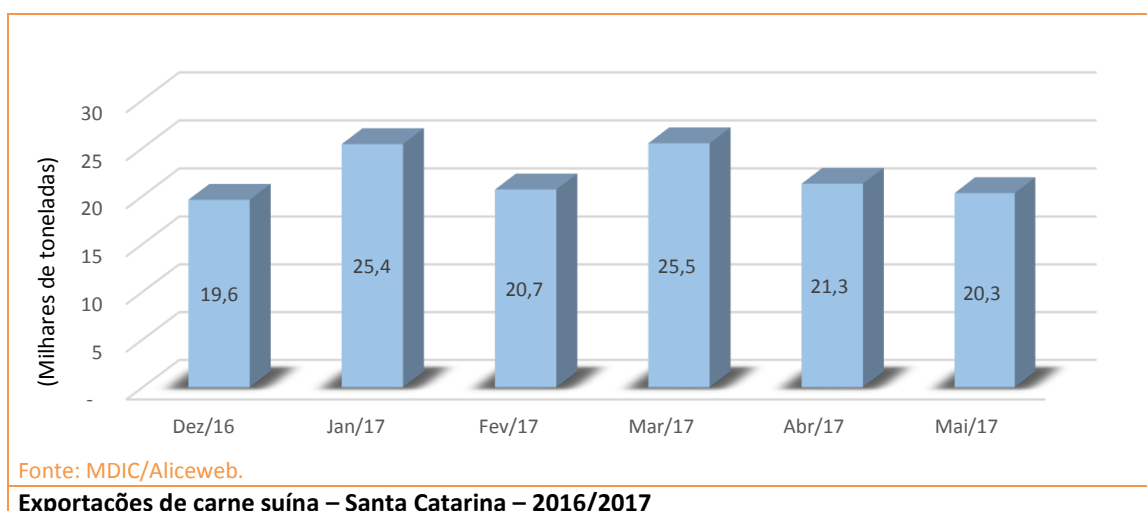
As receitas das exportações de carne suína de maio atingiram US\$122,7 milhões, queda de 5,81% em relação a abril e de 1,19% na comparação com maio do ano passado. O valor médio da tonelada exportada passou de US\$1.946,78 em maio de 2016 para US\$2.559,82 no mesmo mês deste ano (aumento de 31,49%).

Nos cinco primeiros meses deste ano foram exportadas 274 mil toneladas de carne suína, queda de 4,43% em relação ao mesmo período de 2016. Quanto às receitas, o valor acumulado de 2017 atingiu US\$652,8 milhões (crescimento de 29,10%).

Os cinco principais destinos da carne suína brasileira em maio foram Rússia, Hong Kong, Uruguai, Cingapura e China, que juntos foram responsáveis por 81,85% das receitas com esse produto. Chama-se a atenção para o caso da China, que vinha ocupando a terceira posição no ranking de exportações brasileiras de carne suína e em maio caiu para a quinta colocação. Em relação a 2016, houve uma redução de 65% na quantidade e de 57,5% no valor exportado para a China no mês passado. Essa variação é em grande parte consequência da “Operação Carne Fraca”, apontam especialistas.

Os dados das duas primeiras semanas de junho divulgados pelo MDIC apontam quedas na média diária de embarques de carne suína em relação a maio: -17,5,0% em valor e -18,5% em quantidade. Na comparação com junho de 2016 as diferenças são ainda maiores: -18,0% em valor e -36,2% em quantidade.

Santa Catarina também registrou queda na exportação de carne suína no último mês. O Estado exportou 20,3 mil toneladas em maio, retração de 4,58% em relação ao mês anterior e de 15,69% na comparação com maio de 2016.



As receitas de maio atingiram o montante de US\$52,03 milhões, queda de 3,47% em relação a abril. No entanto, na comparação com maio de 2016 o resultado foi positivo (12,22%).

Os cinco principais destinos da carne suína de Santa Catarina foram Rússia, China, Hong Kong, Chile e Argentina, que juntos responderam por 81,8% das receitas com exportação desse produto. Embora mantenha a segunda posição no ranking estadual, em maio a China comprou menos carne suína catarinense que no mesmo mês do ano anterior (-34,79% em termos de quantidade). Nesse mesmo período a Rússia ampliou suas importações do Estado (aumento de 14,55% na quantidade e 71,53% nas receitas geradas).

Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Maio de 2017

País	Valor (US\$)	Qtidade (t)
Rússia	26.182.023,00	8.953
China	5.243.236,00	2.615
Hong Kong	4.921.043,00	2.340
Chile	3.882.186,00	1.613
Argentina	2.333.799,00	731
Outros países	9.469.747,00	4.078
Total	52.032.034,00	20.330

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Não obstante os resultados de maio, no acumulado do ano os números de Santa Catarina ainda são positivos: aumento de 8,32% na quantidade exportada e de 45,54% nas receitas, em relação aos cinco primeiros meses do ano anterior.

Apesar dos últimos meses desfavoráveis, o Rabobank acredita que o Brasil deverá continuar elevando suas exportações de carne suína para a China, principalmente em função do baixo custo de produção da carne brasileira. No entanto, os analistas do banco alertam que o País precisa aprender mais sobre as preferências da indústria local em relação aos cortes utilizados na produção de processados, principal destino das importações chinesas.

Em abril o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA na sigla em inglês) publicou seu relatório periódico com perspectivas sobre a produção, consumo e comércio internacional de carnes em 2017. De acordo com o *Livestock and Poultry*, a produção mundial de carne suína deve crescer 0,80% em 2017. O Brasil, por sua vez, deve apresentar crescimento de 3,11%, estima o USDA.

No que diz respeito ao consumo, o USDA aponta perspectiva de crescimento de 0,59% em âmbito mundial e de 1,64% para o Brasil, apesar da crise econômica que o País atravessa.

Por fim, o USDA prevê um aumento bastante significativo nas exportações mundiais em 2017, podendo-se atingir uma taxa de 7,53%. O Brasil deve apresentar crescimento ainda mais expressivo de 8,17%, de acordo com as projeções do órgão estadunidense. Conforme vimos anteriormente, o cenário atual é bem menos otimista, embora ainda possam ocorrer alterações ao longo do ano.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Em 2016, a quantidade de lácteos¹ importada pelo Brasil foi cerca de 81% superior à quantidade de 2015, um recorde nos últimos anos (no passado mais distante houve importações com quantidades bem superiores). O Uruguai foi um dos países que aproveitou muito bem essa ampliação do mercado brasileiro, aumentou as suas vendas para o Brasil em 113,5% de 2015 para 2016. Com isso ocupou a posição de principal origem das importações brasileiras, respondendo por 51,5% da quantidade importada, muito acima dos 28,5% alcançados pela Argentina, que historicamente se destaca como principal origem das importações brasileiras.

Importação brasileira de lácteos segundo as principais origens - 2000/2016

Descrição do País	Milhões de quilos				
	2000	2010	2014	2015	2016
Uruguai	97,9	31,9	32,7	58,5	125,0
Argentina	148,8	65,7	62,3	64,8	94,3
Estados Unidos	9,5	5,4	1,9	4,2	7,0
Chile	1,0	3,2	3,5	0,9	6,0
Nova Zelândia	9,0	0,3	1,3	1,6	3,9
França	8,1	1,6	1,7	1,9	1,9
Canadá	4,9	0,1	1,1	0,5	1,5
Paraguai	0,0	1,5	0,0	0,0	1,2
Países Baixos (Holanda)	8,1	1,1	1,4	1,1	0,8
Outros países	19,8	1,1	1,0	0,9	0,9
Total	307,1	112,0	106,8	134,3	242,6

Fonte: MDIC /Secex/Sistema Aliceweb.

O aumento das importações foi acompanhado de decréscimo das exportações, o que fez aumentar ainda mais o tradicional déficit na balança comercial brasileira de lácteos, que circunstancialmente já chegou a ser positiva há não muito tempo (2007 e 2008).

Balança comercial brasileira de lácteos - 2007/2016

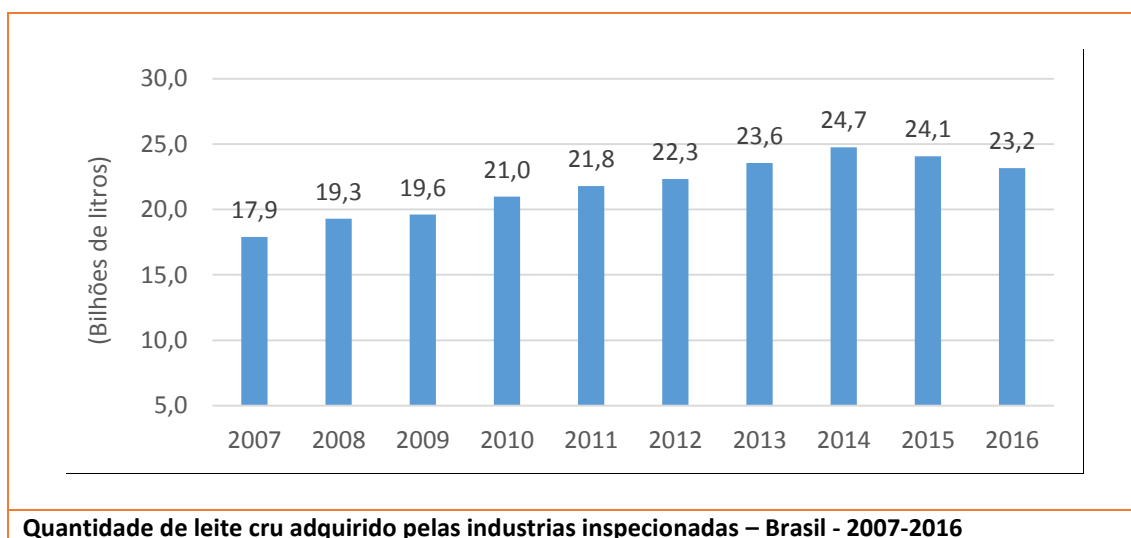
Ano	Milhões de quilos			Milhões de US\$ FOB		
	Importação	Exportação	Saldo	Importação	Exportação	Saldo
2007	63,6	96,6	33,0	150,8	273,3	122,5
2008	77,5	142,3	64,9	211,6	509,3	297,7
2012	179,4	38,4	-141,0	627,9	92,3	-535,6
2013	157,3	38,4	-119,0	585,7	93,8	-491,9
2014	106,8	83,7	-23,1	438,7	332,4	-106,2
2015	134,3	73,6	-60,7	402,1	305,5	-96,6
2016	242,6	51,6	-190,9	641,1	155,6	-485,5

Fonte: MDIC /Secex/Sistema Aliceweb.

¹ Posição - SH 4 dígitos: 0401 - Leite e nata, não concentrados nem adicionados de açúcar ou de outros edulcorantes até 0406 - Queijos e requeijão.

O grande crescimento na quantidade importada de 2015 para 2016 se explica por uma combinação de fatores, entre os quais se pode destacar: o decréscimo na oferta interna de leite, a sensível elevação dos preços internos de alguns lácteos, os preços internacionais em patamares relativamente baixos e a sensível valorização do real no transcorrer de 2016 (a valorização foi próxima de 20% entre janeiro e julho). O quadro de 2017 é diferente em pelo menos três desses aspectos.

No que diz respeito à oferta interna, o Índice de Captação de Leite Brasil² (ICAP-L/Cepea) indicou aumento na captação de leite no primeiro trimestre de 2017 em relação ao mesmo período de 2016. O aumento é discreto, mas aliado às informações de que desde então a produção de várias regiões brasileiras tem sido superior à dos mesmos meses de 2016³, é razoável esperar que a produção nacional comercializada para as indústrias em 2017 seja maior do que a de 2016. Isso confirmado reverteria o comportamento dos dois últimos anos, havendo a retomada da trajetória predominante historicamente (Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE).



Em relação aos preços internos dos lácteos, embora nos primeiros meses do ano os valores tenham sido superiores aos do ano passado, o mercado já mudou sensivelmente. A maior oferta de leite, combinado com uma fraca demanda, vem ampliando as dificuldades nas negociações das indústrias com o varejo e pressionando os preços para valores mais baixos, particularmente nos produtos em que existe maior concorrência entre as indústrias, como é o caso do leite Ultra High Temperature (UHT/"longa vida") e queijos mais comuns. Isso já ficou mais ou menos evidente nos preços do mercado atacadista dos meses mais recentes e tende a se acentuar de ora em diante. Nas redes de varejo é cada vez mais frequente encontrar lácteos com preços inferiores a esses valores médios do mercado atacadista.

² Esse índice é baseado em amostragem e objetiva registrar as variações nos volumes diários captados no RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. A média nacional é calculada conforme o peso mensal de cada estado quanto ao volume produzido, conforme informações do IBGE. Segundo a Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE esses estados representam cerca de 85% da quantidade de leite cru recebido pelas indústrias inspecionadas do Brasil.

³ Em Santa Catarina, as pesquisas da Epagri/Cepa junto a parte importante das indústrias localizadas na Região Oeste indicam crescimento superior à 5% no primeiro quadrimestre.

Preços médios mensais no mercado atacadista de Santa Catarina - 2015-2016

Mês	Leite UHT - litro			Manteiga extra - 200 g			Queijo muçarela - kg		
	2015	2016	2017	2015	2016	2017	2015	2016	2017
Janeiro	1,59	2,00	2,18	3,15	3,68	5,10	12,28	15,92	17,13
Fevereiro	1,66	2,13	2,43	3,17	3,80	5,10	11,92	15,53	15,96
Março	2,13	2,27	2,55	3,17	3,93	5,24	12,84	16,97	16,74
Abril	2,13	2,39	2,54	3,17	4,46	5,35	13,08	18,53	17,20
Maió	2,17	2,61	2,47	3,17	4,87	5,48	13,36	19,00	17,24
Junho	2,23	3,27	2,36 ⁽¹⁾	3,13	5,10	5,22 ⁽¹⁾	13,94	20,87	17,08 ⁽¹⁾
Julho	2,22	3,59		2,97	5,18		13,89	22,98	
Agosto	2,14	3,06		2,94	5,09		14,51	22,98	
Setembro	2,01	2,37		2,99	4,93		14,43	21,46	
Outubro	1,95	2,06		3,32	4,94		13,40	19,86	
Novembro	2,01	1,99		3,39	5,02		13,35	17,96	
Dezembro	1,96	2,05		3,40	5,03		13,34	16,76	

⁽¹⁾ Preço do dia 13/06.

Fonte: Epagri/Cepa.

No que diz respeito aos preços internacionais, o “Relatório Bianual sobre Mercados Globais de Alimentos” da FAO (Food Outlook, ou Perspectivas Alimentares, em português), divulgado neste mês de junho, mostra que embora estáveis durante os primeiros cinco meses de 2017, os preços internacionais dos produtos lácteos subiram 50% no segundo semestre de 2016. O que teria se dado em função de um balanço de oferta e demanda mundial mais ajustado, decorrente da estabilidade ou decréscimo na produção/excedentes exportáveis de países produtores combinado com o aumento na compra de países importadores (maiores detalhes em: <http://www.fao.org/3/a-i7343e.pdf>).

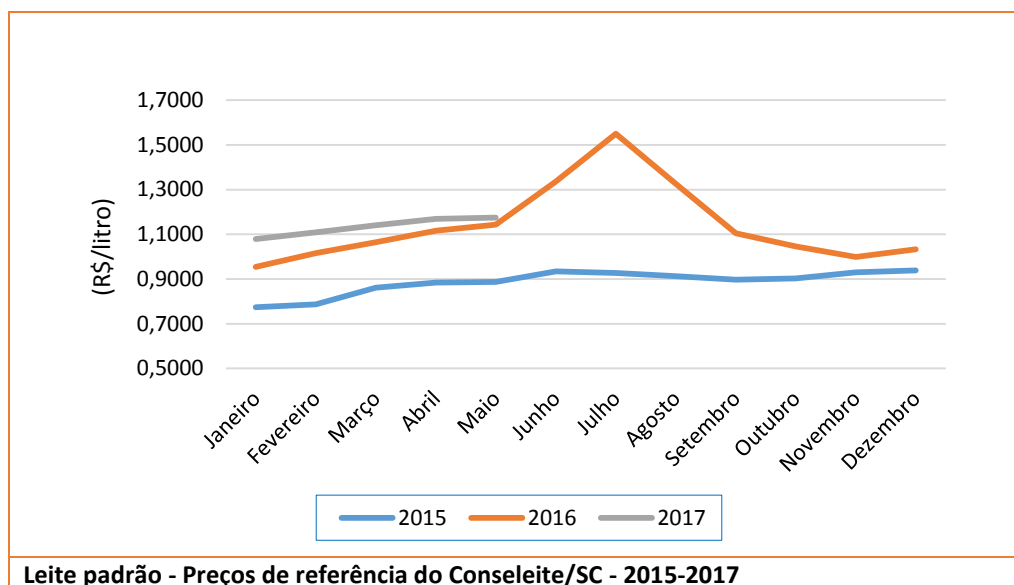
Em face dessas diferenças em relação à 2016, é praticamente certo que em 2017 as importações brasileiras serão sensivelmente menores que as de 2016. Embora isso ainda não tenha ocorrido nos dados acumulados de janeiro a maio, é o que fica evidenciado na comparação das importações dos meses mais recentes, e que tende a permanecer nos próximos meses, sobretudo até o mês de setembro, até quando as importações de 2016 permaneceram em patamares bem elevados.

Importação brasileira de lácteos - 2015-2017

Mês	Milhões de quilos			Variação (%)	
	2015	2016	2017	2016/15	2017/16
Janeiro	9,4	8,4	19,0	-11,1	126,3
Fevereiro	7,7	7,5	16,3	-2,8	116,8
Março	11,8	16,9	15,5	42,9	-8,3
Abril	12,0	21,2	13,5	76,3	-36,1
Maió	11,7	25,8	17,7	119,4	-31,3
Janeiro/maió	52,7	79,7	82,0	51,2	2,8
Junho	12,5	25,2		101,5	
Julho	10,7	23,9		122,7	
Agosto	9,4	25,7		172,8	
Setembro	10,8	28,9		168,0	
Outubro	17,0	19,2		13,4	
Novembro	9,4	20,6		118,4	
Dezembro	11,7	19,4		65,0	
Total	134,3	242,6		80,6	

Fonte: MDIC /Secex/Sistema Aliceweb.

A confirmação de importações menores é um fator a menos a pressionar negativamente os preços internos, entre os quais os preços recebidos pelos produtores. De qualquer maneira, depois de um período contínuo de elevações, em condições normais de produção interna, eles tendem a decrescer sensivelmente de ora em diante. A próxima reunião do Conseleite/SC, a ser realizada no dia 22/06, será um bom indicador das condições reais/atuais de mercado e tende a projetar para o mês de junho⁴ preço inferior ao de maio. Algumas empresas, aliás, já pagaram ou pagarão aos produtores neste mês de junho preços inferiores aos de maio.



⁴ O preço projetado é sempre referente ao leite que está sendo comercializado no transcorrer do mês. Portanto, o valor projetado em junho servirá de base para o pagamento que as indústrias farão em julho aos produtores.